



# **Escrita Científica**

**Marcos Rogério Martins Costa  
Demétrio Antônio da Silva Filho  
Marcello Ferreira**

**Organização e adaptação textual:**

**Fabírcia Faleiros Pimenta**

# FICHA TÉCNICA

**Reitoria**

Márcia Abrahão Moura  
*Reitora*

**Vice-Reitoria**

Prof. Enrique Huelva Unternbäumen  
*Vice-Reitor*

**Decanato de Graduação**

Sérgio Antônio Andrade de Freitas  
*Decano*

**Diretoria do CEAD**

Letícia Lopes Leite  
*Diretora*

**Coordenação-Geral UAB**

Marcello Ferreira  
*Coordenador-Geral*

**Coordenação Acadêmica do CEAD**

Débora Furtado Barrera  
*Coordenadora*

**Equipe Multidisciplinar UAB/CEAD**

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira  
Janaína Angelina Teixeira  
Sanny Caroline Saraiva de Sousa  
Thiago dos Santos Brandão  
Jean Vieira de Brito  
Helena Cristina Ribeiro Silva  
Moisés Silva de Sousa

**Autores**

Marcos Rogério Martins Costa  
Demétrio Antônio da Silva Filho  
Marcello Ferreira

**Revisão**

Marcello Ferreira  
Helena Célia de Souza Sacerdote  
Fabrícia Faleiros Pimenta

**Diagramação**

Matheus Felipe da Costa  
Sanny Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
**(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)**

C874e Costa, Marcos Rogério Martins

1.ed. Escrita científica / Marcos Rogério Martins Costa, Demétrio Antônio da Silva Filho, Marcello Ferreira. – 1.ed. – Brasília, DF : Universidade de Brasília, 2021.

82 p.; il.; 21 x 29 cm.

Bibliografia.

ISBN : 978-65-86721-62-1

1. Normas acadêmicas. 2. Redação. I. Silva Filho, Demétrio Antônio da. II. Ferreira, Marcello. III. Título.

01-2021/41

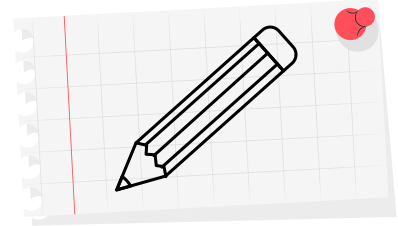
CDD 808.02

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Redação : Normas acadêmicas 808.02

**Bibliotecária responsável:** Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

# PREFÁCIO



## Boas-vindas!

Este livro foi pensado especialmente para você que atua ou deseja atuar, academicamente, nos cursos de graduação e pós-graduação ofertados pela Universidade de Brasília (UnB), embora o seu conteúdo possa ser adaptado para diversos modelos acadêmicos.

O livro está estruturado em cinco capítulos, nos quais serão discutidas as seguintes temáticas:

- 1. Gênero acadêmico: sobre a construção do texto científico;**
- 2. Escrita acadêmica: da estrutura à prática;**
- 3. Pesquisa científica: fontes e bases;**
- 4. Formatação do texto científico: normas da ABNT; e**
- 5. Ética acadêmica: a questão do plágio.**

Cada uma dessas temáticas será abordada em um capítulo. A proposta é que o leitor, a cada página, se aprofunde mais nos conteúdos e, assim, possa, ao final da leitura, ter os conhecimentos básicos acerca dos fundamentos e das técnicas que envolvem a escrita científica.

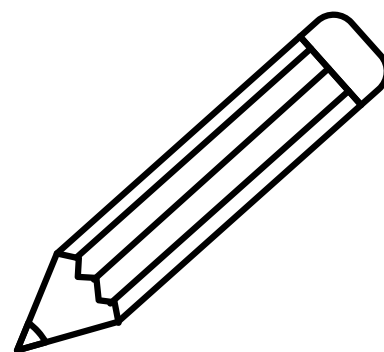
Destaca-se que o texto acadêmico possui formatação e normatização da escrita, próprios à área de estudo. Desse modo, cada instituto de ensino e pesquisa, bem como cada periódico científico, poderá possuir um conjunto específico de normas de apresentação de textos acadêmicos. Por isso, o que se apresenta neste compêndio são as orientações gerais e mais comumente presentes no cotidiano universitário da UnB.

Sem o propósito de exaurir o tema, esta obra lança as bases do que se espera de um texto escrito na e pela comunidade científica. É uma espécie de guia de orientações gerais que, de forma simples, objetiva e sucinta, descortina o universo da escrita acadêmica. Foi pensado, portanto, para ser um texto de consulta rápida para aqueles que já possuem algum conhecimento sobre a temática abordada, e um livro introdutório para os que (re)iniciaram seu percurso acadêmico, seja na graduação, seja na pós-graduação.

Tenha uma boa e prazerosa leitura!

# SUMÁRIO

1 GÊNERO ACADÊMICO: SOBRE A CONSTRUÇÃO DO TEXTO CIENTÍFICO.....	5
2 ESCRITA ACADÊMICA: DA ESTRUTURA À PRÁTICA.....	12
3 PESQUISA CIENTÍFICA: FONTES E BASES.....	42
4 FORMATAÇÃO DO TEXTO CIENTÍFICO: NORMAS DA ABNT.....	48
5 ÉTICA ACADÊMICA: A QUESTÃO DO PLÁGIO .....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	75
CONHEÇA OS AUTORES.....	79



# GÊNERO ACADÊMICO: SOBRE A CONSTRUÇÃO DO TEXTO CIENTÍFICO



## Objetivos do capítulo

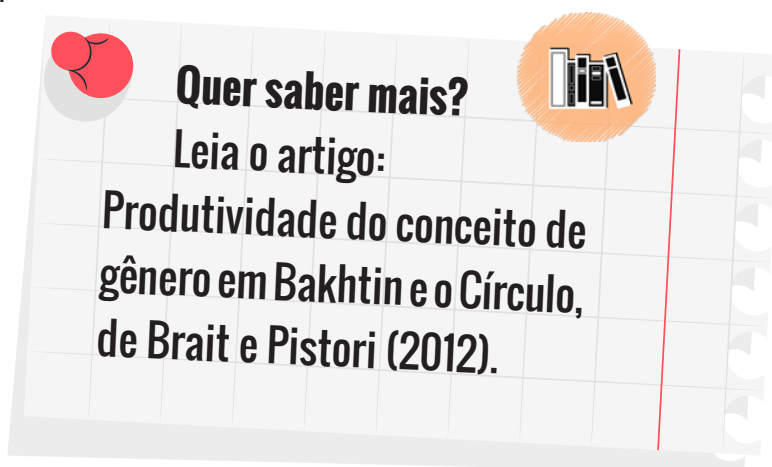
- Definir o que é escrita científica e sua importância;
- Apresentar o conceito de gênero de discurso;
- Entender o que são os gêneros acadêmicos;
- Distinguir texto científico de texto de divulgação científica e texto didático; e
- Conceituar o que é TCC e sua relevância na carreira acadêmica.

# Para que escrita científica?

A escrita científica é um elemento-chave para a produção e a organização do conhecimento, bem como para a posterior divulgação científica. O interesse na escrita de textos científicos tem sido acompanhado pelo intento de compreender como os pesquisadores escrevem mais do que simplesmente questionar sobre o que eles escrevem. Portanto, independentemente da sua área de estudo, este livro busca apresentar algumas das possibilidades de escrita dentro da esfera de atividade humana denominada Ciência.

A produção e a divulgação de textos científicos acompanham a história da humanidade em suas investigações sobre a natureza e seu próprio ser, sobretudo nos últimos séculos. Conforme Silva (2006, p. 54), “a produção de livros ditos de divulgação científica escritos por cientistas percorre todos os séculos e praticamente todas as áreas da ciência desde, pelo menos, o século XVIII”.

Conforme Bakhtin (2018), os gêneros dos discursos são enunciados relativamente estáveis. São, portanto, um conjunto de textos (escritos, orais, visuais, gestuais, etc.) que são compostos por elementos estáveis, os quais são reiterados pelas práticas em cada esfera de atuação humana, e também por elementos variáveis, os quais modificam e transformam cada gênero em decorrência do uso de cada indivíduo, tempo e cultura.



## Elementos estáveis do gênero do discurso: o exemplo da Carta

Neste tópico, vamos tratar de um exemplo de gênero discursivo para que se fique mais claro o conceito. A carta é um bom exemplo de gênero do discurso. Temos vários tipos de carta: carta pessoal, carta aberta, carta de repúdio, etc. Os elementos reiterados em todo gênero discurso, conforme Bakhtin (2018), são: a estrutura composicional, a temática e o estilo.

Figura 1 - Ilustração



Fonte: Pixabay

O gênero carta possui, portanto, uma estrutura composicional: remetente, destinatário, saudação, corpo do texto, assinatura, data e local, dentre outros, que são comuns em toda carta. Há, também, uma temática que, em geral, constitui-se como uma comunicação entre duas pessoas conhecidas. E existe, ainda, um estilo de se escrever uma carta que depende da relação entre os dois interlocutores, podendo ser um estilo mais informal e afetuoso ou mais formal e sério.

Então, nota-se que há fatores linguísticos e extralinguísticos que se repetem na produção escrita de uma carta (elementos estáveis) e também fatores que variam de uma carta pessoal para uma carta aberta, por exemplo (elementos variáveis).

Como se observa, é uma concepção teórica diferente daquela que se aprende na tipologia textual em que se enfatiza, por vezes, as funções (argumentativa; dissertativa; expositiva; descritiva; etc.) em detrimento das relações sociocomunicativas do texto. Na concepção dos gêneros do discurso, apreende-se, sobretudo, a função social e comunicativa de cada texto em sua esfera de atuação humana.

Além disso, torna-se pertinente, ainda, distinguir os gêneros acadêmicos dos gêneros literários a partir de suas funções sociocomunicativas. A seguir, apresentam-se algumas características que distinguem essas duas tipologias discursivas.

Quadro 1 - Diferenças entre os gêneros literários e os gêneros acadêmicos

Característica	Tipologia	
Gênero	Gêneros literários	Gêneros acadêmicos
(Inter)ação social	Apreciar	Discutir
Relação	Estética e estesia	Ética
Sistematicidade	Não sistemático	Sistemático

Fonte: Elaborado pelos autores



**Como se pode apreender pelo Quadro 1, os gêneros literários são aqueles que possuem interação social mais próximos da apreciação estética, causando, assim, efeitos estésicos e sinestésicos em seus leitores (cf. DISCINI, 2015)**

Não há uma sistematicidade que abrigue todos os gêneros literários, podendo, é claro, existirem métricas e orientações estilísticas – as quais, todavia, nunca aprisionaram a liberdade estética de cada escritor. Por isso, os gêneros literários são não sistemáticos.

Já os gêneros acadêmicos possuem outras características. A função social desses gêneros, comumente, se relaciona ao ato de discutir ideias, difundindo conceitos e metodologias sobre algum procedimento ou fenômeno. A ética é fundamental para a elaboração e difusão desses gêneros, uma vez que os textos acadêmicos dependem da credibilidade de quem os escreve e da recepção crítica de quem os lê. O que garante essa credibilidade é a sistematicidade dos elementos que são organizados, sequenciados e relacionados seja na produção dos dados, seja na descrição e entendimento dos fenômenos do mundo.

Compreendido essa distinção, podemos, agora, inquirir o porquê de os gêneros acadêmicos serem tão importantes em nossa sociedade.

### **Você já se perguntou quais as finalidades de se produzir gêneros acadêmicos? Vamos conhecê-las?**

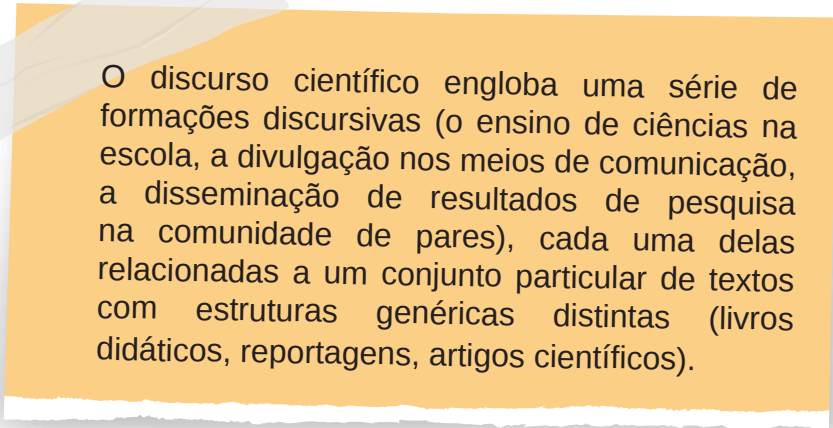
Abaixo, elencamos as principais razões que sustentam a relevância do gênero acadêmico em nossa sociedade:

- Permite que pesquisadores possam expor suas investigações, promovendo o desenvolvimento do pensamento em cada área do conhecimento;
- Serve de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre os cientistas de cada área de atuação humana;
- Difunde os resultados de pesquisa, as ideias inovadoras e os debates de maneira mais clara, concisa e fidedigna dentro da comunidade acadêmica;
- Atesta a produtividade (qualitativa e quantitativa) individual e institucional da comunidade científica de cada área do conhecimento.



## ■ E você sabe o que é o discurso científico?

Martins, Cassab e Rocha (2001, p. 2) explicam que:



O discurso científico engloba uma série de formações discursivas (o ensino de ciências na escola, a divulgação nos meios de comunicação, a disseminação de resultados de pesquisa na comunidade de pares), cada uma delas relacionadas a um conjunto particular de textos com estruturas genéricas distintas (livros didáticos, reportagens, artigos científicos).

Nesse sentido, entende-se que o texto científico propõe informar e apresentar ao leitor, em geral, um público específico e especializado no tema, uma solução prática e/ou teórica ao problema científico. Já o texto de divulgação científica tem como objetivo informar e suscitar a reflexão do leitor, que é, comumente, um público não especialista no assunto.

Por isso, é pertinente saber qual é seu público-leitor: são especialistas no tema ou leigos. Todo texto demanda um leitor. Quanto mais se sabe do leitor, mais fácil é a escrita. Atente-se a isso quando for escrever um texto para a comunidade científica: é um texto científico ou um texto de divulgação científica?

### **Divulgação científica não é necessariamente texto científico!**

Nem toda divulgação científica é um texto científico, uma vez que o propósito da divulgação científica é informar um grande público sobre avanços em determinada área do conhecimento. Portanto, muitos dos dados que fundamentam a evidência científica podem ter sido omitidos durante a divulgação científica.

Na passagem do texto científico para o de divulgação científica, há uma reelaboração dos elementos linguísticos, dos propósitos do texto e de sua apresentação, dentre outros componentes. O mesmo ocorre quando um texto de divulgação científica é reescrito, mais uma vez, para ser um texto didático.

Considerando esse panorama, o texto científico em seu processo de difusão dentro de uma sociedade sofre diversas modificações. Esse processamento da informação pode alterar a estrutura composicional, a temática e a estilística dos gêneros acadêmicos. Daí a importância de se estudar os gêneros acadêmicos que, em essência, preservam os elementos constitutivos dos textos que, de fato, são considerados científicos.

Veja, a seguir, algumas diferenças entre *Texto científico*, *Texto de Divulgação científica* e *Texto didático*.

**Quadro 2** - Características de texto científico, texto de divulgação científica e texto didático

<b>Característica</b>	<b>Tipologia</b>		
	<b>Texto científico</b>	<b>Texto de Divulgação científica</b>	<b>Texto didático</b>
<b>Função social</b>	Debater problemas científicos	Disseminar a informação	Ensinar e instruir
<b>Público-alvo</b>	Público específico e especializado	Público amplo e não especialista	Público leigo e em formação
<b>Sistematicidade</b>	Sistemático	Não sistemático	Parcialmente sistemático
<b>Estilo</b>	Fundamentação teórica-metodológica	Teor mais jornalístico	Teor pedagógico

*Fonte: Elaborado pelos autores*

Como se pode acompanhar no Quadro 2, o texto científico possui como função social debater problemas científicos dentro da comunidade científica, que é um público mais específico e especializado, podendo, com isso, trazer soluções para as problemáticas abordadas. Já o texto de divulgação científica objetiva disseminar a informação científica para um público mais amplo e, em geral, não especializado. O texto didático, por sua vez, tem o intuito de ensinar e instruir um público leigo e, comumente, ainda em estágio de formação.

Em relação a sistematicidade dos conteúdos na abordagem dos temas, os três tipos de texto possuem graus distintos. O texto científico é altamente sistemático, já o texto didático é parcialmente e, geralmente, o texto de divulgação científica não tem uma sistemática prévia.

O estilo é outro ponto a distinguir os três tipos de texto. A fundamentação teórico-metodológica delinea o modo de se escrever e apresentar os dados nos textos científicos. Já os textos de divulgação científica têm um teor mais próximo dos gêneros jornalísticos, apresentando os dados mais relevantes ao grande público e, por vezes, omitindo informações mais específicas e contextuais – as quais, para o texto científico, poderiam ser indispensáveis. O texto didático possui um teor pedagógico, logo seu modo de apresentar é, ainda, mais amplo e procurar mais apresentar do que explicar os fenômenos – sendo, assim, o caminho inverso do que o texto científico trilha.

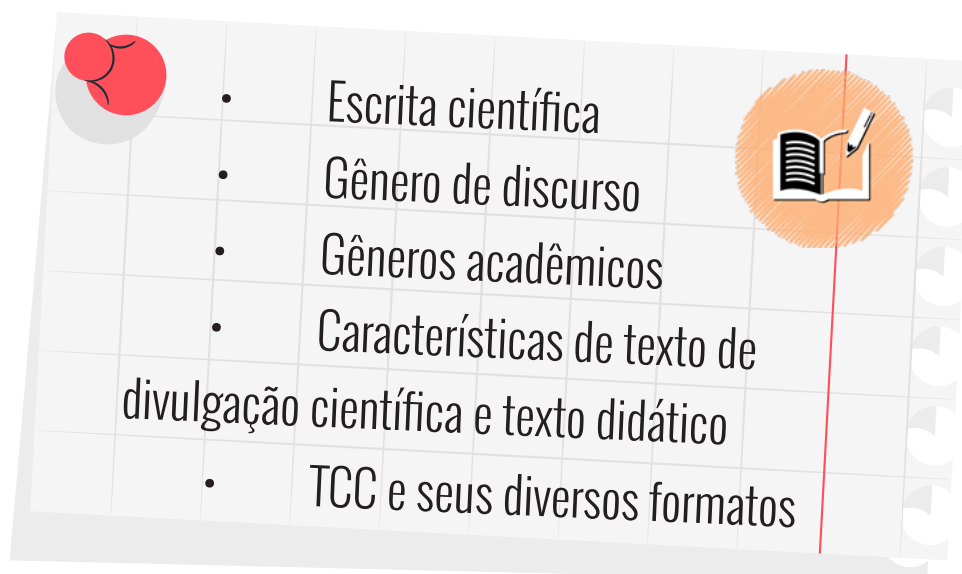
## O que é TCC?

Neste tópico, vamos abordar um dos gêneros discursivos mais presentes na academia: o TCC. A sigla TCC significa Trabalho de Conclusão de Curso. Como deslindado nos tópicos anteriores, um gênero do discurso não se define por um texto específico, mas sim por sua função sociocomunicativa dentro de uma comunidade. Nesse sentido, o TCC pode se apresentar de diferentes formas ao estudante de graduação e pós-graduação.

As opções mais comuns na graduação são: monografia e relatório de estágio. Durante sua carreira acadêmica, poderão surgir outras como: artigo científico, dissertação de mestrado, tese de doutorado, etc.

Vale destacar que todo curso possui um Projeto Político-Pedagógico (PPP). É neste projeto que devem estar claras as regras do TCC de seu curso. O objetivo primordial do TCC é permitir, ao aluno que está finalizando seu curso, demonstrar sua capacidade de criar conhecimento científico, desenvolvendo um projeto com começo, meio e fim.

## Resumo dos conceitos-chave que aprendemos neste capítulo



# ESCRITA ACADÊMICA: DA ESTRUTURA À PRÁTICA



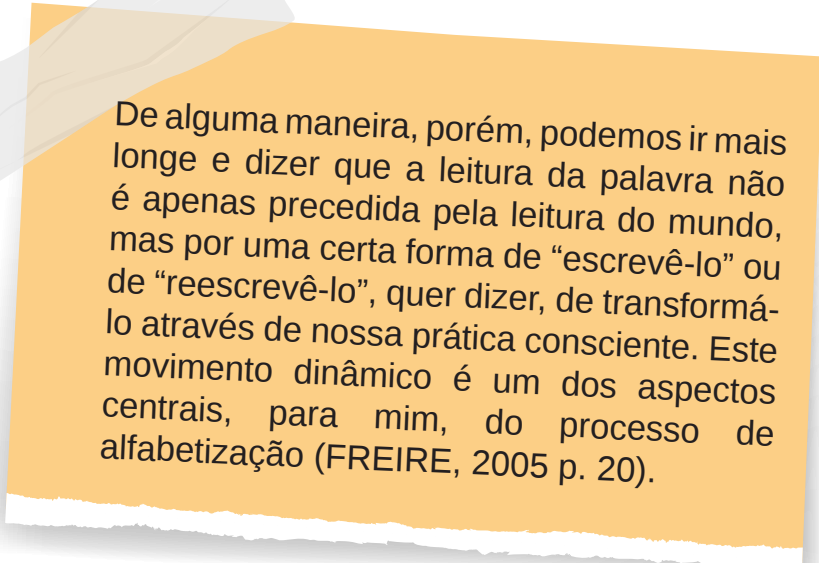
## Objetivos do capítulo

- Aprender estratégias de escrita;
- Distinguir leiturabilidade de legibilidade;
- Diferenciar forma de conteúdo; e
- Entender a estrutura textual do resumo, da introdução, da metodologia, dos resultados, da discussão e da conclusão.

# À relação entre escrita e leitura

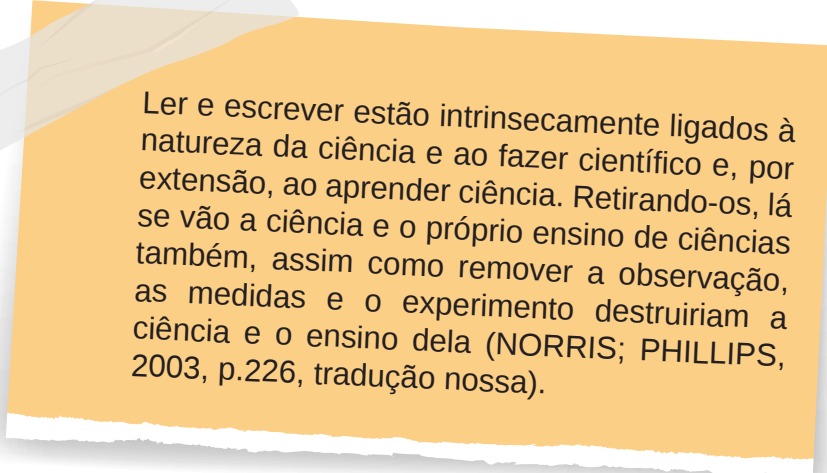
Neste capítulo, vamos mostrar as estratégias de escrita para elaborar textos científicos, bem como identificar a estrutura dos textos científicos.

Mas, antes, atente para a regra básica da escrita: para ser um bom escritor, você precisa antes ser um bom leitor. Monteiro Lobato já dizia que: “quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê” (apud LAJOLO, 2000). Além disso, Paulo Freire já dizia que muito antes das palavras, existem as conexões sociais que as inserem e as transformam no mundo:



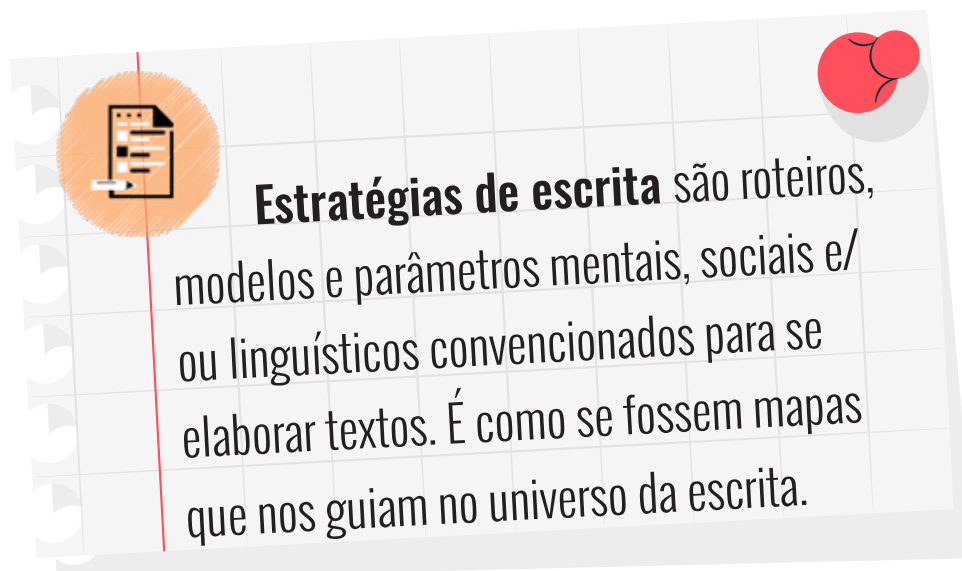
De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização (FREIRE, 2005 p. 20).

Partindo desse princípio de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, pode-se dizer que, quanto maior for o seu repertório de mundo, maior o será suas possibilidades de escrita – uma vez alfabetizado e letrado em determinada comunidade linguística. Norris e Phillips (2003), por sua vez, enfatizam que existe uma relação direta entre as habilidades de leitura e de escrita na construção da ciência e em seu ensino:



Ler e escrever estão intrinsecamente ligados à natureza da ciência e ao fazer científico e, por extensão, ao aprender ciência. Retirando-os, lá se vão a ciência e o próprio ensino de ciências também, assim como remover a observação, as medidas e o experimento destruiriam a ciência e o ensino dela (NORRIS; PHILLIPS, 2003, p.226, tradução nossa).

Como se pode apreender, a leitura e a escrita são processos intrínsecos. Para se escrever bem, o estudante deve se aplicar em ler bons textos e ter exemplos claros de construções textuais. Para ajudar nessas ações, vamos apresentar alguns parâmetros e critérios auxiliados na construção de estratégias de escrita.



## Estratégias de escrita

Neste tópico, apresentamos algumas das estratégias de escrita mais conhecidas na academia. A intenção não é ser uma apresentação exaustiva, mas um apanhado mais geral das ferramentas mais úteis para se ter em mente no momento da escrita de textos científicos. Vamos aprendê-las?

Duas estratégias de escrita são bem conhecidas e podem ser sintetizadas em dois mnemônicos:

### Quadro 3 – Tipos de estratégias de escrita

<b>5C's</b>	Completo, Claro, Correto, Coerente e Conciso
<b>KISS</b>	Keep It Short and Simple (Tradução: MICS - Mantenha Isso Curto e Simples)

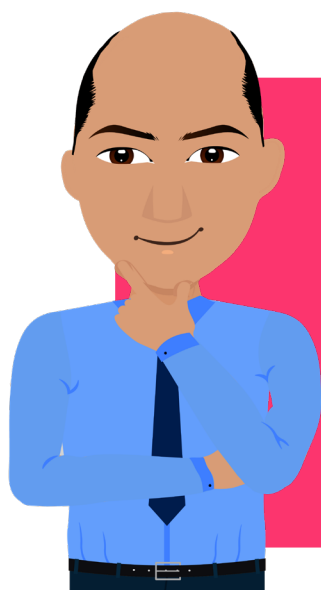
*Fonte: Elaborado pelos autores*

- Sobre os 5C's, podemos definir desse modo os seus componentes:

#### Quadro 4 – Definição dos 5C's

<b>Completo</b>	Texto com começo, meio e fim, isto é, objetivos, argumentos e conclusão.
<b>Claro</b>	Texto escrita com poucas palavras e objetivo, sem rodeios ou redundâncias, nem termos desnecessários.
<b>Correto</b>	Texto escrito na norma culta urbana da língua portuguesa.
<b>Coerente</b>	Texto com argumentos que se complementam, sem trechos contraditórios ou sem nexos causais com as informações anteriores.
<b>Conciso</b>	Texto em que todos os argumentos se correlacionam e dirigem-se a uma mesma finalidade.

*Fonte: Elaborado pelos autores*



**Sobre a estratégia KISS (em tradução para o português, MICS), pode-se dizer que seja uma forma de construir um pensamento coerente e conciso a partir de uma premissa simples: manter a ideia curta e simples. Este acrônimo resume uma estratégia de design adotada pela Marinha americana na década de 1960, conforme Dalzell (2009, p. 565).<sup>1</sup>**

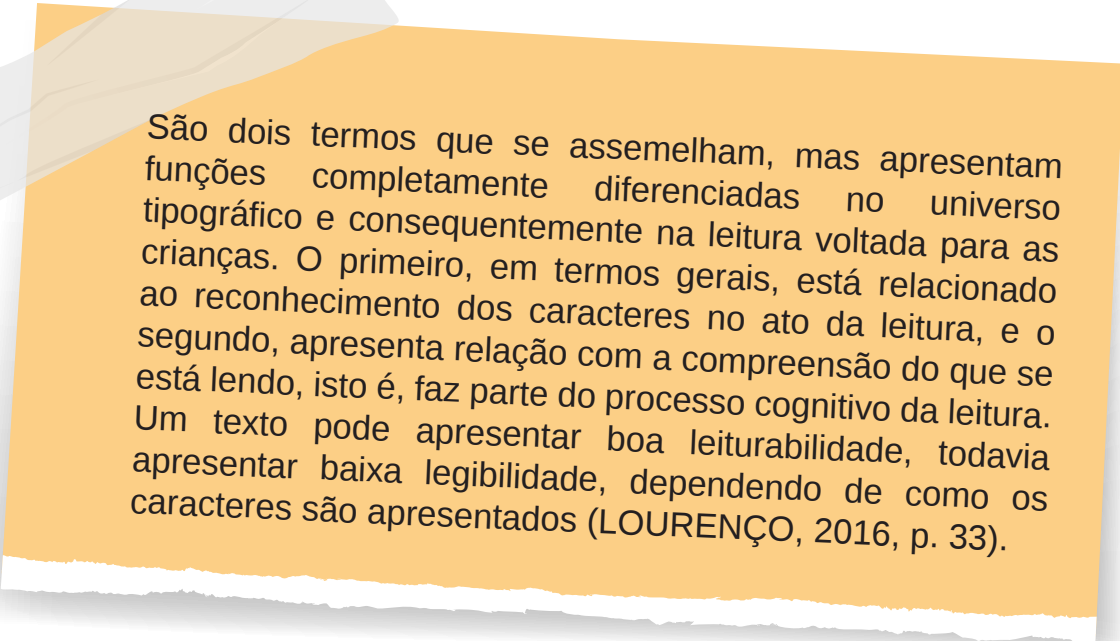
Esta estratégia é hoje um princípio que pode ser aplicado não somente ao design, mas também na escrita e até mesmo como filosofia de vida (o minimalismo, por exemplo). Em geral, quanto se fala demais ou de forma complexa (com palavras difíceis, exageradas ou de circulação restrita, como tecnicismos, neologismos e estrangeirismos), não se consegue transmitir a mensagem ao interlocutor. Logo, ao se seguir essa premissa, o texto assegura a comunicação e, conseqüentemente, a transmissão da mensagem que se almeja difundir.

<sup>1</sup> Além disso, Dalzell (2009) reporta que a estratégia KISS está associada a uma estratégia naval utilizada pela frota norte-americana. De acordo com o webpage BGoogle-5E, foram publicadas as notas do “Projeto KISS” da Marinha dos EUA de 1960, chefiado pelo Contra-Almirante Paul D. Stroop, no Chicago Daily Tribune, p.43, em 4 de dezembro de 1960.

## Leiturabilidade e legibilidade

Saber ler é um ato importante. Entender como esse ato se processa torna-se, então, essencial para aquele que almeja ler mais e melhor. Por isso, é relevante, neste tópico, distinguirmos legibilidade de leiturabilidade.

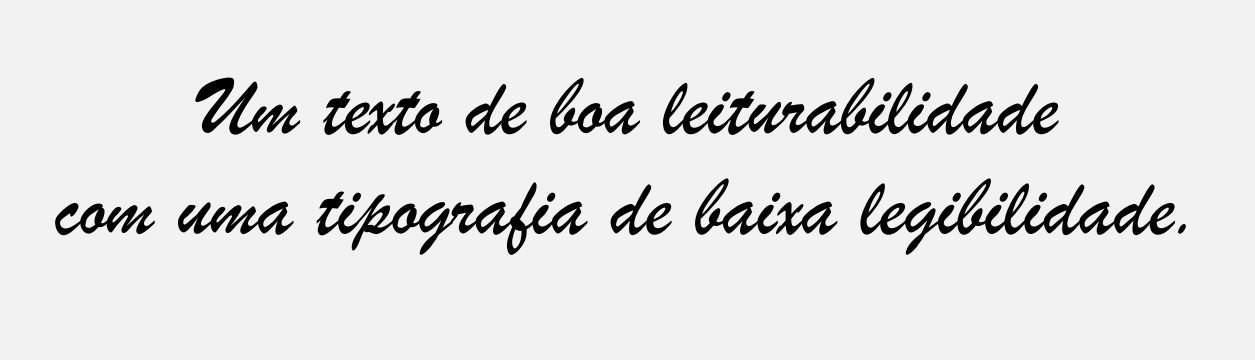
O estudioso Lourenço (2016) faz uma distinção desses dois conceitos:



São dois termos que se assemelham, mas apresentam funções completamente diferenciadas no universo tipográfico e conseqüentemente na leitura voltada para as crianças. O primeiro, em termos gerais, está relacionado ao reconhecimento dos caracteres no ato da leitura, e o segundo, apresenta relação com a compreensão do que se está lendo, isto é, faz parte do processo cognitivo da leitura. Um texto pode apresentar boa leiturabilidade, todavia apresentar baixa legibilidade, dependendo de como os caracteres são apresentados (LOURENÇO, 2016, p. 33).

Como exemplo desses dois conceitos, apresentamos a figura abaixo:

**Figura 2 – Distinção entre leiturabilidade e legibilidade**



*Um texto de boa leiturabilidade  
com uma tipografia de baixa legibilidade.*

**Fonte:** Adaptação do exemplo de Lourenço (2016, p. 33).





Como se pode apreender pela imagem, o texto pode ser lido e compreendido por um indivíduo alfabetizado e letrado. Todavia, a tipografia utilizada para a escrita dificulta a leitura.

Desse modo, entende-se que o texto da Figura 2 possui leiturabilidade, mas tem baixa legibilidade. Para a finalidade das estratégias de escrita, vamos focar, nesse momento, na leiturabilidade, isto é, como deixar a leitura do texto mais fácil de ser compreendida pelos seus leitores.

### Do conteúdo para a forma

Compreendida a distinção entre leiturabilidade e legibilidade, apresentamos, agora, outra diferença relevante o estudo do texto: forma e conteúdo. A forma é a manifestação do texto, sendo, portanto, composta por cores, formas, volume, etc. Já o conteúdo é relacionado às ideias do texto. Desse modo, a forma está associada a formatação do texto; e o conteúdo, ao desenvolvimento das ideias dentro do texto. Nessa mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que a leiturabilidade está mais próxima do conteúdo do texto, enquanto que a legibilidade se avizinha da forma do texto.

**Quadro 5** – Conteúdo e forma dos textos

<b>Conteúdo</b>	<b>Forma</b>
A ordem das ideias e as expectativas de temas a serem abordados	A diagramação da página, os tópicos essenciais, o tamanho da letra, a citação do discurso alheio, etc.
Leiturabilidade	Legibilidade

*Fonte: Elaborado pelos autores*

## Dicas de leitura para textos científicos

Vamos pensar na leitura do seu texto. Para isso, aplicando as estratégias KISS e a 5C's, temos que a escrita deve ser curta, coerente e concisa. Pensando assim, podemos aplicar os seguintes parâmetros quantitativos para manter a leitura do texto em consonância com as duas estratégias de escrita supracitadas.

- **Qual o número máximo de palavras que uma frase deve ter?**  
20 (vinte) palavras.
- **Qual é o número médio de palavras que uma frase deve ter?**  
De 12 (doze) a 15 (quinze) palavras.
- **E o número máximo de linhas que um parágrafo deve ter?**  
8 (oito) linhas para impresso.  
4 (quatro) linhas para correio eletrônico.

Note que estes valores não são regras fixas. São valores médios. Na verdade, é interessante que o texto contenha frases com uma variedade de comprimentos para deixá-lo mais dinâmico, com destacaremos mais à frente no tópico da escrita persuasiva.



O Governo Britânico apresentou um estudo dedicado à escrita e ao planejamento de conteúdo de seus documentos, com pesquisas extensas que reforçam a estratégia de uma escrita mais simples, com poucas palavras, para facilitar a compreensão. O referido estudo concluiu uma frase com mais de 25 palavras é incompreensível para a maioria das pessoas (cf. VICENTE, 2014).

## Como escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)?

Ainda com o conceito de leitura em mente, vamos propor, agora, algumas dicas importantes para a redação do texto de seu TCC.

### A) Reserve tempo para seu trabalho.

- Sua monografia não ficará pronta a menos que você dê prioridade a esse trabalho.
- Não existe nada como não ter tempo para escrever. Todos nós temos 24h em nosso dia e é nossa obrigação priorizar o uso de nosso tempo.
- Deixar para o último minuto é uma péssima estratégia!

## B) Organize suas ideias.

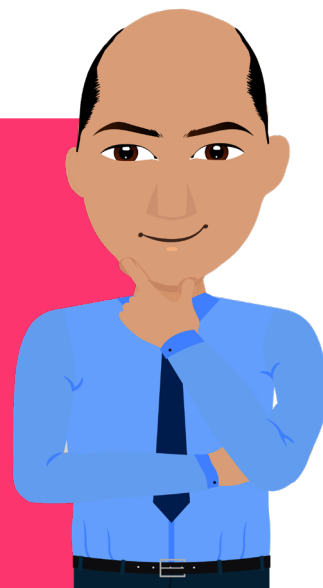
- De um modo geral, os resultados científicos podem ser reportados seguindo o esquema: resumo, introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão.
- O ponto central de uma pesquisa científica é a uma pergunta científica específica.
- Não extrapole o alcance de seus resultados.

## C) Planeje seu trabalho.

- Antes de começar a escrever, organize sua mensagem agrupando ideias semelhantes.
- O leitor poderá ver os relacionamentos entre as ideias e entender melhor sua lógica.
- Construa um background (revisão da leitura sobre o tema) suficiente sobre o assunto, explicando o porquê você escolheu o problema científico específico.
- Apresente dados suficientes para que seu estudo seja reproduzido.
- Dê explicações que permitam o leitor entender seus resultados e conclusões.

## Qual a estrutura de uma produção textual?

**Não existe fórmula perfeita para a escrita de um texto. O que há são estruturas já bastante testadas e que permaneceram, ao longo da História, como modelos para a exposição e a discussão de ideias. Esse é o caso da estrutura de texto dissertativo-argumentativo.**



Não existe fórmula perfeita para a escrita de um texto. O que há são estruturas já bastante testadas e que permaneceram, ao longo da História, como modelos para a exposição e a discussão de ideias. Esse é o caso da estrutura de texto dissertativo-argumentativo.

A estrutura da produção textual de texto dissertativo-argumentativo é tríade, isto é, composta por três partes, a saber:

- Introdução ou tese: é o momento em que se delimita o tema e especifica o objetivo do trabalho científico;
- Desenvolvimento: trazem-se argumentos que possibilitem explicar, discutir e demonstrar em uma sequência organizada o tema e o objeto de estudo;
- Conclusão: retoma-se o ponto de vista abordado ao longo do trabalho científico, complementando as ideias inicialmente expostas com os achados da pesquisa realizada.

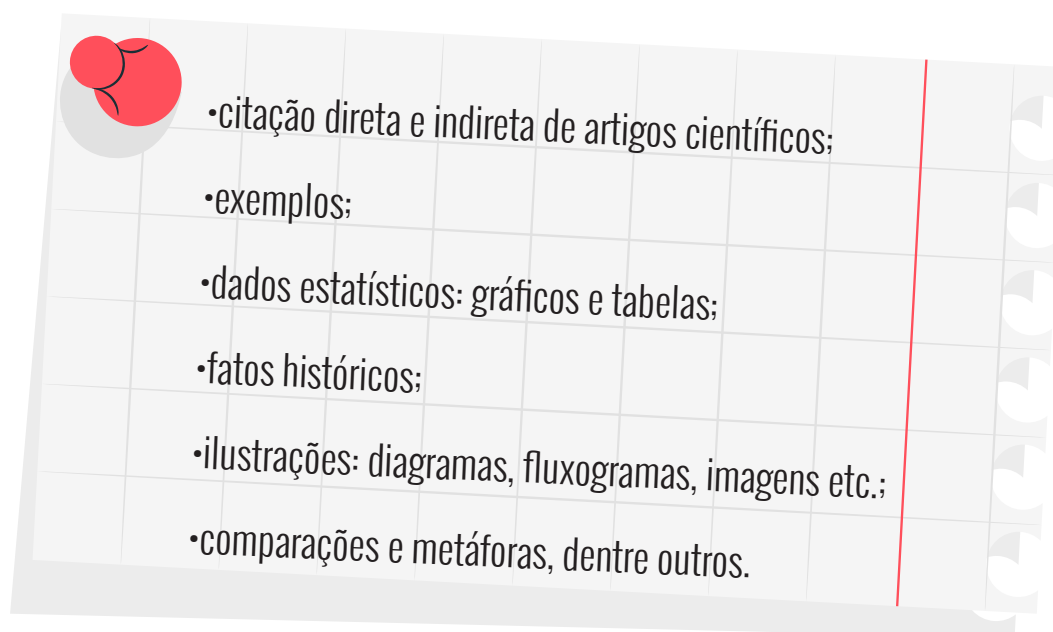
Essa é a estrutura mais utilizada em textos científicos para a redação de pesquisas dentro da comunidade acadêmica.

### Dicas para fortalecer sua argumentação

Para se propor algum procedimento, abordagem ou método, é necessário apresentar argumentos que reforcem o ponto de vista defendido na pesquisa científica. Desse modo, a seguir, sugerimos alguns elementos que o texto científico pode expor para validar sua argumentação.

A principal dica é aumentar sua credibilidade fornecendo provas para apoiar o argumento que você está construindo no texto. Além disso, demonstra a sua erudição na área e, principalmente, de que não esqueceu de nenhum trabalho relevante em sua área de pesquisa.

Para isso, eis alguns elementos que podem fortalecer sua argumentação:



## O que é uma mensagem persuasiva?

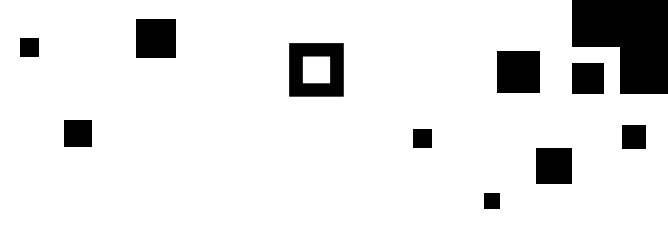
Além de provas, o texto científico deve transmitir uma mensagem persuasiva. A mensagem persuasiva é usada quando você acredita que o leitor precisará estar convencido de que deve seguir o seu modo de pensar.



**Ao contrário de outras mensagens de negócios, a mensagem persuasiva não tenta vender um objeto, mas sim ideias. O leitor, ao final da leitura, deve ficar convencido de que as ideias expostas no texto científico são adequadas, suficientes e relevantes.**

Por *ideia adequada*, o texto deve transmitir conceitos e métodos que coadunam com a perspectiva da comunidade científica com a qual dialoga. Por *ideia suficiente*, o texto deve difundir ideias e propostas que consigam cumprir as exigências da metodologia científica adotada, bem como suprir as lacunas que justificam a existência da pesquisa – isto é, sem uma motivação, não uma intenção comunicativa, logo a pesquisa científica se justifica pela ausência ou pela necessidade de maior discussão de determinado fenômeno, fato ou tema dentro de uma sociedade. Por *ideia relevante*, o texto científico deve ser importante para a comunidade a que se dirige, isto é, não se escreve um texto sobre saúde pública para uma sociedade de sapateiros, a menos que o texto aborde um tema relevante para essa comunidade como, por exemplo, a relação entre o couro e a saúde dos pés.

Existe uma vasta literatura disponível sobre o tópico de escrita persuasiva. Dentre várias fontes, indicamos o trabalho da professora Michelle Howe, em especial a obra *Persuasive Writing Made Easy*.



A seguir, apresentamos algumas sugestões baseadas no trabalho da professora Howe (2004) e que acreditamos ser particularmente úteis à escrita de artigos científicos:

- **Uma boa redação é concisa e objetiva;**
- **Frases curtas e parágrafos curtos tornam sua mensagem mais fácil de ler;**
- **Uma frase curta tem 20 palavras ou menos;**
- **Quanto menor a frase, maior a compreensão do leitor;**
- **Para enfatizar uma ideia importante, coloque as informações mais importantes no início da frase;**
- **Desenvolva uma ideia por parágrafo;**
- **Comece com o seu ponto principal e, em seguida, use frases de apoio para desenvolver o parágrafo;**
- **Crie uma frase que seja fácil de entender usando a voz ativa;**
- **Está provado que ler o trabalho a partir da tela do computador é mais difícil encontrar os erros ortográficos e discursivos do trabalho, por isso leia, gradualmente, o texto, evitando a leitura completa em longos períodos de tempo;**
- **Sempre que possível, e pensando na sustentabilidade, sugere-se que se faça uma cópia impressa para encontrar erros quando for imprescindível;**
- **Utilize sempre um corretor ortográfico. Na maioria dos editores de texto já incluem um. Quando este não for o caso, há sempre uma maneira gratuita de se revisar a ortografia.**
- **Varie o tamanho das frases em seu texto: curto, médio e, ocasionalmente, uma frase longa;**
- **Todas as frases curtas podem fazer com que a escrita pareça irregular ou infantil;**
- **Torne a sua escrita mais interessante de ler, variando o vocabulário;**
- **Use conjunções para fazer a vinculação de suas ideias e fornecer ao leitor um mapa de onde você está indo com suas ideias.**

Veja algumas conjunções e suas funções no texto:

**Quadro 6 – Conjunções e suas funções I**

<b>Conformativa e Exemplificativa</b>	<b>Adição</b>	<b>Concessão</b>	<b>Oposição</b>	<b>Conclusão</b>	<b>Explicação</b>	<b>Alternância</b>
Por exemplo,	A l é m disso	Embora	Mas	Portanto	Porque	Ou... ou
Conforme	Ademais	Posto que	Porém	Por conseguinte	Pois	Seja... seja
Segundo	M a s também	Mesmo que	Entretanto	Destarte	Uma vez que	Ora... ora
Como	E	Ainda que	Todavia	Consequente-mente	Já que	Quer... quer
Assim como	Bem como	Se bem que	No entanto	Com efeito	Porquanto	
Do mesmo modo que	Ainda	Por mais que		Desse modo	Visto que	

*Fonte: Elaborado pelos autores*

**Quadro 7 – Conjunções e suas funções II**

<b>Condicionais</b>	<b>Consecutiva</b>	<b>Comparativa</b>	<b>Proporcionais</b>	<b>Finais</b>	<b>Temporais</b>
Se	Sem que	Como	À medida que	A fim de que	Quando
Caso	De modo que	Tal qual	À proporção que	Para que	Enquanto
Contanto que	De forma que	Assim como	Quanto mais	Com a finalidade de	Logo que
A menos que		Mais... que	Quanto menos	Com o objetivo de	Depois que
Sem que		Menos... que			Sempre que
Salvo que		Do que			

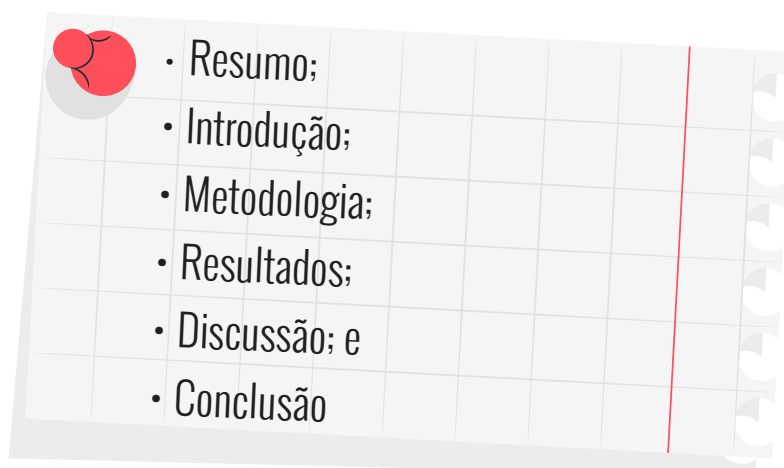
*Fonte: Elaborado pelos autores*

## Qual a estrutura do trabalho científico?

Vamos aprender, agora, sobre as principais seções de um trabalho científico, abordando os conteúdos específicos de cada uma dessas partes. A escrita de trabalhos científicos também já conta com uma vasta literatura disponível, com dicas e estratégias para facilitar a escrita de um bom artigo científico.

Dentre os vários textos disponíveis, destacamos o livro editado pelo pesquisador brasileiro Osvaldo N. Oliveira Jr juntamente com dois outros colaboradores. Físico e professor da Universidade Federal de São Carlos, o professor Osvaldo Oliveira é um dos pesquisadores mais citados do Brasil e já escreveu quase 600 artigos científicos. Este livro é, por sua vez, uma compilação de diversos outros autores que escreveram sobre temas específicos da escrita científica de artigos e que será abordada a seguir. A apresentação que segue teve, portanto, como uma de suas fontes o trabalho intitulado *Writing Scientific Papers in English Successfully: Your Complete Roadmap*, de autoria de Ethel Schuster, Haim Levkowitz e Osvaldo N. Oliveira Jr (2014). Partindo das contribuições desse compêndio e de outros, apresentaremos conceitos gerais da escrita científica.

O texto científico pode ser segmentado em diversas partes. Todavia, por regra, algumas seções são essenciais e estão comumente presentes na maioria dos textos publicados em periódicos e meios de divulgação científica. Dentre essas partes essenciais, destacam-se:



## O que é um resumo?

Segundo Sandra W. (2019),Koopman (1997) o resumo deve ser:

- um texto conciso do documento inteiro;
- um trabalho original, não uma colagem de partes do trabalho;
- um texto autossuficiente e deve, por si só, fazer sentido;
- um texto constituído pelas partes mais importantes de sua pesquisa, contendo a relevância do seu trabalho e os principais resultados.



Por que o resumo é importante? O resumo é essencial para prover ao leitor uma versão condensada dos seus resultados. Muitos leitores se utilizam apenas do resumo para decidir se irão ler ou não seu trabalho inteiro. O tamanho máximo do resumo pode variar bastante, de acordo com a revista na qual irá ser publicado o material ou se é um resumo de uma dissertação ou tese. Porém, um tamanho razoável para um resumo é entre 250 e 300 palavras. Eis um exemplo de resumo e de suas principais partes.

**Quadro 8** - Exemplo de resumo e de suas principais partes

<b>Conteúdo do resumo</b>	<b>Parte do resumo</b>
Em virtude da pandemia de COVID-19, causada pelo novo vírus SARS-CoV-2, o tema da educação a distância ganhou notoriedade, uma vez que o ensino formal no Brasil e no Mundo teve que se adaptar a modalidade não presencial.	<b>Contextualização</b>
Desse modo, este ensaio objetiva apresentar a modalidade de Educação a Distância (EaD) a partir da Universidade Aberta do Brasil-UAB, discutindo, em específico, a sua história, o financiamento e os profissionais envolvidos.	<b>Objetivo</b>
Como metodologia, parte-se de um estudo exploratório, retomando bases históricas e teóricas acerca do tema.	<b>Metodologia</b>
A fundamentação teórica se assenta, de um lado, nos estudos de especialistas da área da Educação e das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação-TDCI e, de outro, na legislação brasileira desenvolvida a respeito dessa temática.	<b>Fundamentação teórica</b>
Como resultado parcial, depreende-se que o Programa UAB impactou positivamente a Educação brasileira, sobretudo o oferecimento de cursos do Ensino Superior a distância, só que não é uma estrutura que pode ser "copiada" para outras etapas e modalidades da Educação brasileira sem adaptações e novas contribuições no modelo de aprendizagem.	<b>Discussão dos resultados</b>

*Fonte: Adaptação do resumo de Costa e Sousa (2020, p. 124).*

Como se pode apreender do Quadro 8, o resumo acadêmico, embora seja um texto escrito em um único parágrafo, possui diversas partes. As principais partes são: contextualização; objetivos; metodologia; fundamentação teórica; e discussão dos resultados. Na parte da contextualização, deve-se expor o contexto geral em que se insere a pesquisa, familiarizando o leitor com o tema da pesquisa. Na parte dos objetivos, deve-se apresentar o objetivo geral da pesquisa, especificando o que será objeto de estudo da pesquisa. Na metodologia, são abordados os procedimentos e os métodos de pesquisa utilizados. Na fundamentação teórica,

são apresentados os estudos que a pesquisa se embasou para explorar o tema e, assim, investigar o objeto de estudo. Na discussão dos resultados, são indicados os resultados parciais ou finais da pesquisa, explicando suas implicações e limitações dentro da comunidade científica.

### **Introdução: como começar a escrever?**

A introdução é uma apresentação de seu texto e nele deve constar alguns elementos essenciais. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 43), a introdução constitui a partir de uma “formulação clara e simples do tema, sua delimitação, importância, caráter, justificativa, metodologia empregada e apresentação sintética da questão”. Desse modo, os elementos essenciais da introdução são: (a) o tema da pesquisa; (b) a revisão da literatura; (c) as justificativas; (d) metodologia empregada; (e) os objetivos da pesquisa; e (f) a apresentação sintética da estrutura proposta para pesquisa.

Para tanto, recomenda-se que, nos três primeiros parágrafos, estejam presentes as informações mais centrais e gerais sobre a pesquisa. A seguir, propomos uma estratégia para iniciar esse processo de escrita. Em cada um dos parágrafos, responda à questão sugerida no quadro abaixo:

#### **Quadro 9 – Perguntas iniciais para os três primeiros parágrafos da introdução**

<b>Parágrafo 1</b>	O que se sabe sobre o tema da pesquisa?
<b>Parágrafo 2</b>	O que não se sabe sobre esse tema?
<b>Parágrafo 3</b>	O que faremos neste estudo para abordar esse tema?

*Fonte: Elaborado pelos autores*

O primeiro parágrafo deve apresentar o tema de forma geral, trazendo os estudos mais consistentes e conhecidos sobre o assunto abordado. Nesse momento, é importante já deslindar um ponto de vista sobre o tema, indicando, ao leitor, por ângulo o tema será abordado no texto.

## Quadro 10 – Parágrafo 1: Contextualização

<p>Com o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo-SP e Rio de Janeiro-RJ em meados de junho de 2013, aconteceram manifestações populares que paulatinamente foram se alastrando por todo o Brasil. Entre os dias 17 e 21 de junho, mais de doze milhões de pessoas foram às ruas protestar. A maioria dessas multidões era jovem, entre 14 e 24 anos (43%), com ensino superior completo (43%), renda familiar entre dois e cinco salários mínimos (30%), reivindicando melhorias no transporte público (53%), conforme dados da Pesquisa IBOPE.</p>	<b>Contextualização</b>
<p>Secco (2013) destaca que “desde 1992 não havia protestos amplos e generalizados no país, logo, só poderia ser a primeira vez dos jovens manifestantes” (SECCO, 2013, p. 71).</p>	<b>Especificidade do tema</b>

*Fonte: Adaptação de Costa (2016, p. 43).*

Como se pode apreender no trecho acima, a contextualização retoma as manifestações populares de 2013, em especial as ocorridas nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro. O primeiro trecho destaca e contextualiza o fenômeno. A segunda parte do parágrafo especifica o que tornou essas manifestações de rua diferentes de tantas outras que ocorreram: eram as primeiras manifestações dos que nasceram posteriormente a 1992, isto é, as manifestações de rua uma nova geração de protestantes. Para isso, o autor utilizou estudos estatísticos da Pesquisa IBOPE e o recurso da citação direta de um estudioso da área.

O segundo parágrafo pode destacar o que ainda não se sabe sobre o tema, isto é, as lacunas. São essas lacunas que justificam a realização de maiores estudos sobre o tema. As lacunas podem ser de diversas naturezas: poucos estudos sobre o tema; fenômeno pouco estudado; objetos de estudo muito recentes; dentre outras. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 117, grifos das autoras) explicam:

A teoria serve para indicar os fatos e as relações que ainda não estão satisfatoriamente explicados e as áreas da realidade que demandam pesquisas - é exatamente pelo fato de a teoria resumir os fatos e também prever fatos ainda não observados que se tem a possibilidade de indicar áreas não exploradas, da mesma forma que fatos e relações até então insatisfatoriamente explicados. Assim, antes de iniciar uma investigação, o pesquisador necessita conhecer a teoria já existente, pois é ela que servirá de indicador para a delimitação do campo ou área mais necessitada de pesquisas.

No exemplo, a seguir, podemos observar como o autor distingue o seu objeto de pesquisa, demonstrando, assim, a relevância e a originalidade da pesquisa:

**Quadro 11** – Parágrafo 2: justificativa

<p>Não é somente o fator histórico que impulsiona o interesse dos pesquisadores do texto e do discurso perante esse fenômeno. São também as particularidades discursivas dessas manifestações.</p>	<p><b>Contextualização</b></p>
<p>Como explica o historiador Nobre (2013a; 2013b), as manifestações de junho são bem distintas das duas outras grandes mobilizações que a antecederam no período de redemocratização brasileiro: as manifestações da Diretas Já, ocorridas em 1984, e o movimento pelo impeachment de Collor, datado em 1992.</p>	<p><b>Especificidade do tema</b></p>

*Fonte: Adaptação de Costa (2016, p. 43).*

No Quadro 11, percebe-se que o autor utiliza dois argumentos para justificar a novidade e a originalidade de sua pesquisa para, assim, justificá-la. No primeiro argumento, o articulista demonstra a singularidade do objeto de estudo, manifestações de rua de 2013, dentro do escopo teórico da área dos pesquisadores

do texto e do discurso. No segundo argumento, Costa (2016) faz uma revisão bibliográfica, a partir de um determinado estudioso, e distingue as manifestações de rua de 2013 daquelas que ocorreram em 1984 e das que aconteceram em 1992.

O terceiro parágrafo da introdução, por sua vez, aborda, em específico, do tratamento que se dará ao tema dentro da pesquisa. Nesse momento, é comum enunciar o objetivo geral da pesquisa. É importante ter clareza e concisão na formulação do objetivo, uma vez que será cobrada a sua exploração durante o desenvolvimento da pesquisa. A seguir, podemos observar a enunciação de um objetivo de pesquisa:

**Quadro 12** – Parágrafo 3: apresentação do objetivo da pesquisa

A esse propósito, o presente estudo caracteriza e avalia o estágio de institucionalização da EaD nas IES integrantes do sistema UAB, identificando padrões e estabelecendo relações entre os níveis de similaridade das categorias identificadas.	<b>Apresentação do objetivo da pesquisa</b>
Para alcançar esse objetivo, foram propostos 29 indicadores considerados influenciadores do processo de institucionalização da EaD, obtidos de revisão de literatura sobre o tema, os quais foram submetidos à avaliação de gestores de EaD nas IES do Sistema UAB.	<b>Tratamento dos dados</b>
Os resultados e as respectivas análises se propõem a identificar os principais estágios de institucionalização, categorizando subconjuntos de IES em níveis de similaridade relacionados a características e a padrões de ofertas de cursos na modalidade a distância.	<b>Discussão dos resultados</b>

*Fonte: Adaptação de Ferreira e Carneiro (2015, p. 229).*

Pelo Quadro 12, podemos depreender que os autores enunciam o objetivo geral da pesquisa de maneira concisa, clara e elegante. Em seguida, é explicitado como os dados serão tratados para se alcançar o objetivo da pesquisa. A terceira parte do parágrafo consiste em explicar como serão discutidos os resultados. Veja como essa estrutura transmite a mensagem do que se vai estudar, como se efetivará a pesquisa e, por fim, de que modo os resultados serão discutidos.

Como se pode acompanhar, apresentamos neste tópico um roteiro. Não é uma fórmula mágica, mas sim um roteiro investigativo. Serve para nos orientar no momento que iniciamos o processo de escrita de um texto científico. Cada pesquisador poderá adaptar esse roteiro a seu estilo de escrita e de pensamento, respeitando tanto a norma urbana culta da língua portuguesa, quanto os critérios de leiturabilidade apresentados nos tópicos acima.

## Metodologia

A proposta da seção metodologia é descrever como você obteve seus resultados. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 221, grifo das autoras), “A especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões como?, com quê?, onde?, quanto?”. As autoras distinguem método de abordagem e métodos de procedimentos.

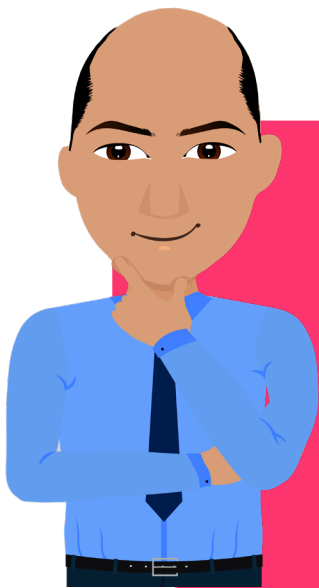
Por método de abordagem, Marconi e Lakatos (2003, p. 221) entendem “ [...] uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. É, portanto, denominado método de abordagem, que engloba o indutivo, o dedutivo, o hipotético-dedutivo e o dialético”.

Já, por método de procedimento, as autoras definem como “[...] etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.221). Nas ciências sociais, temos seguintes métodos de procedimento: histórico; comparativo; monográfico ou estudo de caso; estatístico; tipológico; funcionalista; estruturalista.

Há, ainda, o conceito de técnica. Marconi e Lakatos (2003, p.222) compreende que técnicas seriam “[...] como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. Correspondem, portanto, à parte prática de coleta de dados”. As autoras dividem as técnicas em duas grandes categorias, a saber: (a) documentação indireta, a qual acolhe a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica; (b) documentação direta, a qual se realiza a partir de observação direta intensiva (observação; entrevista) e/ou observação direta extensiva (questionário, análise do conteúdo, sociometria, etc.)

O nosso intuito não é apresentar cada uma dessas categorias, pois, para isso, já existem obras que as exploram com maior profundidade e amplitude de conhecimento. Recomendamos a leitura de uma dessas obras para saber mais sobre métodos e técnicas de pesquisa:

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisas: elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.



Voltando ao objetivo de nossa discussão, apresentamos, agora, o que se espera encontrar na seção metodologia. O primeiro alerta é que essa seção não tem limite de tamanho. Descreva de maneira completa e precisa todas as etapas de pesquisa realizadas para se alcançar e tratar os dados e, posteriormente, discutir os resultados obtidos.

Há casos em que esta seção pode ser separada da parte principal do artigo para evitar torná-lo excessivamente longa e tediosa. Ou ainda, é possível que parte dos detalhes metodológicos sejam apresentados em um arquivo em separado, chamado de “Informação Suplementar. Porém, a metodologia é uma seção essencial do artigo e a base do Método Científico. Em outros termos, a metodologia depende dos métodos e das técnicas utilizadas para a elaboração, a análise e a interpretação de dados.

Um **roteiro** para construir essa seção é responder as seguintes questões:

- Qual foi o método de abordagem da pesquisa? Foi dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, etc.;
- Qual foi o método de procedimento aplicado à pesquisa? Foi histórico, comparativo, tipológico, estudo de caso, etc.;
- Qual a técnica aplicada? Foi utilizada documentação direta e/ou documentação indireta.
- Quais foram os critérios de seleção do corpus da pesquisa (material a ser analisado)? Foi por periodicidade, localidade, especialidade, etc.;
- Quais etapas foram realizadas da pesquisa documental até a discussão dos resultados? Foram realizadas três etapas, quatro etapas, cinco etapas, etc.
- Quais são os resultados previstos na pesquisa? Os resultados previstos também podem determinar qual o método e/ou a técnica a ser utilizada.





## Lembre-se!

A essência do método científico é a reprodutibilidade dos resultados.

Como se pode apreender, essa seção permite que o leitor tenha acesso aos métodos e técnicas que foram utilizados pelos pesquisadores para se obter os dados e, assim, alcançar os resultados da pesquisa. Desse modo, o método científico se sustenta à medida que se pode reproduzir a pesquisa para, assim, averiguar se os dados são fidedignos, bem como para se avançar dentro do escopo do estudo já realizado. Daí a pertinência de se enunciar os procedimentos efetuados para se chegar até os resultados da pesquisa.

Abaixo, temos um exemplo de como a metodologia pode ser apresentada:

**Quadro 13** – Exemplo de parágrafo de metodologia

Dentre os inúmeros sistemas orgânicos comumente usados em eletrônica orgânica, <sup>4</sup> foram selecionadas 43 moléculas que estão dispostas no Quadro 1.	<b>Seleção do corpus de pesquisa</b>
O objetivo é o de investigar a influência de uma pré-otimização por meio de métodos semi-empíricos, de baixo custo computacional, para acelerar a subsequente otimização da geometria do estado fundamental utilizando o método DFT/B3LYP/6-31G.	<b>Indicação dos métodos utilizados e sua relação com os objetivos da pesquisa</b>
Os métodos semi-empíricos utilizados para o estudo do estado fundamental foram o AM1 (Austin Model 1), PM3 (Parametric Method 3), PM6 (Parametric Method 6) e PDDG (Pairwise Distance Directed Gaussian), conforme implementados no pacote computacional Gaussian'09. [6]	<b>Descrição dos métodos adotados</b>

**Fonte:** Adaptação de Cândido et al. (2016, p. 359).



No quadro 13, temos acesso ao primeiro parágrafo da seção de metodologia do artigo de Cândido et al. (2016). Nota-se que os autores enunciam, primeiramente, o corpus da pesquisa, isto é, sobre qual material a pesquisa será realizada, que no caso é constituído por 43 moléculas. Em seguida, são apresentados os métodos aplicados à pesquisa: métodos semi-empíricos, de baixo custo computacional. O terceiro argumento do parágrafo é a descrição dos métodos adotados: o AM1 (Austin Model 1), PM3 (Parametric Method 3), PM6 (Parametric Method 6) e PDDG (Pairwise Distance Directed Gaussian).

Como se pode apreender, essa seção é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa científica, porque é nela que se encontram explicitados os métodos e as técnicas empregados no estudo. Sem essa seção, o texto científico perderia uma das principais características que sustentam o método científico: a reprodutibilidade. Além disso, a seção de metodologia permite a verificação dos resultados obtidos, garantindo, assim, a credibilidade do estudo.

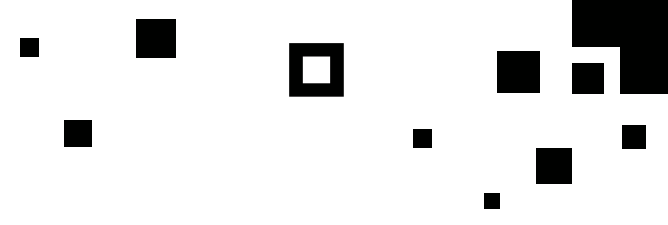
## Resultados

O papel dessa seção é o de dar respostas específicas ao problema proposto na introdução. Você deve utilizar de elementos como: texto, tabelas, diagramas e figuras para contar como a metodologia foi utilizada e quais foram os resultados obtidos, sem rodeios ou desvios dos objetivos da pesquisa.

Para a interpretação dos dados, Marconi e Lakatos (2013, p. 231) trazem o seguinte roteiro:

- as discrepâncias entre os fatos obtidos e os previstos nas hipóteses;
- a comprovação ou a refutação da hipótese, ou ainda, a impossibilidade de realizá-la;
- especificação da maneira pela qual foi feita a validação das hipóteses no que concerne aos dados;
- qual é o valor da generalização dos resultados para o universo, no que se refere aos objetivos determinados;
- maneiras pelas quais se pode maximizar o grau de verdade das generalizações;
- a medida em que a convalidação empírica permite atingir o estágio de enunciado de leis;
- como as provas obtidas mantêm a sustentabilidade da teoria, determinam sua limitação ou até a sua rejeição.

Além disso, Gil (2002) faz um importante alerta para esse momento da pesquisa:



Seja qual for a fórmula de apresentação dos resultados, convém que esta seja considerada no planejamento da pesquisa. Embora constitua atividade formal, à qual alguns pesquisadores tendem a atribuir menor importância, implica tarefas que podem exigir o concurso de outros profissionais, [...] desenhistas e editores de texto...

Pode ocorrer, também, que sejam exigidos serviços de reprodução gráfica, o que é frequente nas pesquisas acadêmicas. Como todas essas tarefas implicam alocação de recursos humanos, materiais e financeiros, é necessário que estes sejam levados em conta no planejamento do levantamento. Afinal, o trabalho de pesquisa não é de natureza apenas intelectual e envolve múltiplos aspectos extra científicos.

Portanto, a forma como apresenta os resultados de sua pesquisa implica diretamente no modo como ela vai ser recebida por seus leitores. Daí a importância de trazer recursos visuais como tabelas, quadros e gráficos. Esses elementos ajudam a reconhecer as inter-relações que o pesquisador, geralmente, faz entre os resultados obtidos e os objetivos da pesquisa.

Veja um exemplo de parágrafo da seção de resultados no quadro a seguir:

**Quadro 14** – Exemplo de parágrafo da seção de resultados

Verifica-se, na Tabela 1, que, de um modo geral, 19 moléculas (indicadas por um asterisco na Tabela 1) se beneficiaram de algum tipo de pré-otimização com métodos semi-empíricos, segundo o critério de número de ciclos.	<b>Resultado geral</b>
Levando em consideração a classe das moléculas observa-se que, dentre as 18 em que a pré-otimização foi efetiva, 11 pertencem à família dos Acenos (antraceno; acridina; 9-bromoantraceno; pentaceno; perileno; tetraceno; nftaleno; rubreno; HBC; 1,4-bis(4-metil-esteril)-benzeno; tetrabenzoporfirina), 2 para cada uma das famílias do Anidrido (PTCDA; anidrido maléico), do Tiofeno (T3; PTA) e da Quinona (F4-benzoquinona e Cl4- benzoquinona), 1 molécula para cada uma das famílias da Amida (3,4,9,10-perilennodiimida) e da Nitro/Nitrila (TCNQ).	<b>Descrição dos resultados por grupos</b>
Observou-se que as 24 moléculas restantes não se beneficiaram da pré-otimização de geometria, uma vez que o número de ciclos para a otimização se manteve. Em apenas 10 casos (indicadas por uma cruz na Tabela 1), o número de ciclos aumentou para os quatro métodos semi-empíricos adotados na pré-otimização, e desses 10 casos, 6 deles foram em oligômeros de tiofenos (Tn).	<b>Descrição de casos mais específicos</b>

*Fonte: Adaptação de Cândido et al. (2016, p. 361).*

No Quadro 15, apresentam-se os resultados de três maneiras. A primeira estratégia de escrita é expor de maneira geral, os dados mais recorrentes. A segunda estratégia é descrever os subgrupos formatos a partir da aplicação dos métodos semi-empíricos. A terceira estratégia é salientar os casos mais específicos. Também se poderia também apresentar casos anômalos ou estranhos que ocorreram quando os métodos foram aplicados.

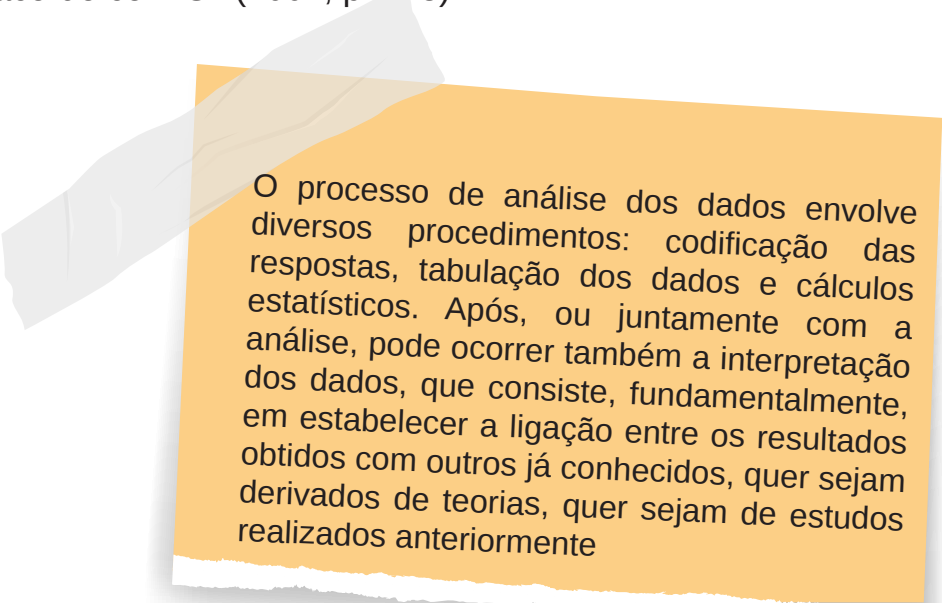
Sobre o uso de recursos gráficos, tanto em Cândido et al. (2016), quanto em Ferreira e Carneiro (2015, p. 229), encontramos o uso de gráficos, tabelas e quadros para apresentar os resultados obtidos. Pela delimitação desta obra, não convém reproduzi-los aqui, mas se pode conferir esses recursos nos seguintes links:

- CÂNDIDO, K. F. et al. Estratégias para a redução do custo computacional no processo de otimização das geometrias do estado fundamental e do primeiro estado excitado de moléculas orgânicas. **Revista Virtual Química**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 356-368, 2016. Disponível em: <http://static.sites.s bq.org.br/rvq.s bq.org.br/pdf/v8n2a05.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- FERREIRA, Marcello; CARNEIRO, Teresa Cristina Janes. A institucionalização da Educação a Distância no Ensino Superior Público Brasileiro: análise do Sistema Universidade Aberta do Brasil. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 228-242, maio-ago. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2015.192.07/4708>. Acesso em: 25 ago. 2020.

## Discussão

Nessa seção, você deve descrever seus resultados e compará-los com outros que já foram encontrados em pesquisas similares à sua. Os últimos parágrafos devem ser um resumo das implicações de seus resultados que poderão servir para pesquisas ulteriores.

De acordo com Gil (2002, p. 125)



O processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também a interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam derivados de teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente



## **Lembre-se!**

Mantenha sempre a humildade e nunca generalize seus resultados além dos limites de sua própria pesquisa e de sua reprodutibilidade.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a discussão dos resultados é última parte do desenvolvimento do texto científico. Nessa seção, espera-se que o pesquisador faça:

Apresentação e discussão dos resultados alcançados, correlacionados com sentido intrínseco da(s) hipótese(s) da pesquisa.

Demonstração das relações existentes entre fato ou fenômeno estudados e outros fatores.

Interpretação crítica dos dados, verificando se os mesmos comprovam, ou refutam a(s) hipótese(s), por meio dos testes de hipóteses (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 248).

Pode-se depreender o cumprimento de parte dessas expectativas no seguinte parágrafo que analisamos no quadro a seguir:

**Quadro 15** – Exemplo de parágrafo da seção de discussão dos resultados

<p>É importante destacar aqui que o cálculo CI-S(STO-3G) foi mais eficiente que o cálculo CI-S(3-21G*) em dois casos (Anidrido maléico e Cl4-benzoquinona) e menos eficiente em quatro casos (Acridina, Tetraceno, 2,3-dicloro-1,4-naftoquinona e Dinitrobenzotrila).</p>	<p><b>Comparação com outros métodos</b></p>
<p>No caso do estado excitado, o custo computacional do cálculo de pré-otimização já não é mais inferior ao do cálculo TD-DFT.</p>	<p><b>Vantagem do método aplicado no estudo</b></p>
<p>Isto sugere que o método CIS(STO-3G) passa a ter o melhor custo versus benefício quando se trata de pré-otimização</p>	<p><b>Inferência do avançado trazido pela pesquisa</b></p>

*Fonte: Adaptação de Cândido et al. (2016, p. 366).*

No Quadro 15, pode-se notar três estratégias de escrita. Na primeira parte, os autores comparam o método aplicado no estudo com outros, observando quando ele é mais eficiente (Anidrido maléico e Cl4-benzoquinona) e quando é menos (Acridina, Tetraceno, 2,3-dicloro-1,4-naftoquinona e Dinitrobenzotrila). Na segunda parte do parágrafo, é apontada a vantagem da aplicação do método: o custo computacional não é mais inferior ao de outro cálculo (TD-DFT). Na terceira parte, é apresentada a inferência principal da pesquisa: tem o melhor custo versus benefício quando se trata de pré-otimização.

Como se pode perceber, essa é uma das principais seções do texto científico. Isso decorre, porque é nesse momento que o pesquisador aponta as vantagens e os benefícios que decorrem dos resultados obtidos na pesquisa. Portanto, é uma seção que deve ser redigida de forma clara, concisa e coerente com os resultados obtidos, não generalizando em demasia, nem deixando, para trás, inferências relevantes para estudos ulteriores.

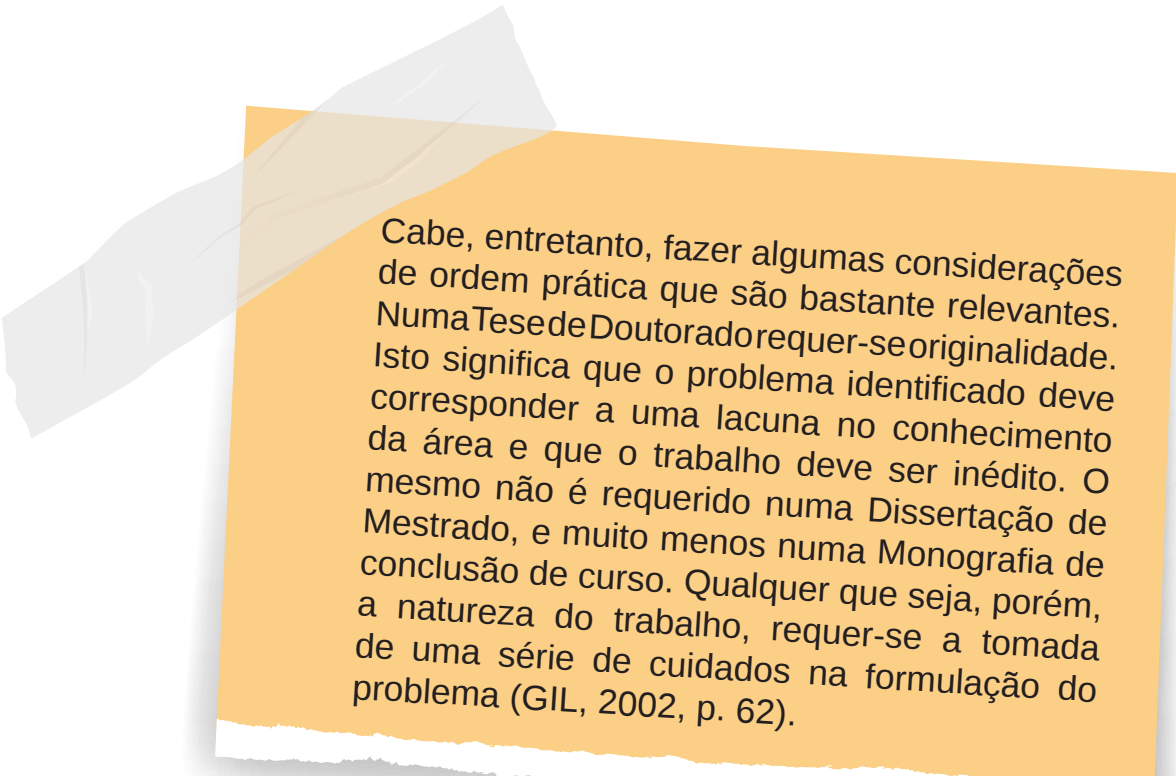
## Conclusão

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 254) explicam, a conclusão “constitui a parte final do processo. Apresenta uma síntese completa dos resultados da pesquisa, o resumo das principais informações ou argumentos”. Nesse sentido, espera-se que o pesquisador faça uma síntese de todas as outras partes do texto científico e também apresente as contribuições da pesquisa realizada.

São os passos sugeridos para a retomada dos conteúdos:

- (1) identificar o problema científico perseguido durante a pesquisa;
- (2) demonstrar como se desenvolveu a solução e/ou os protocolos de pesquisa realizados para se aproximar dessa solução;
- (3) apresentar os resultados (finais ou parciais) da pesquisa, apontando suas contribuições para a área de conhecimento.

Gil (2002) faz uma ressalva sobre a formulação do problema no texto científico que deve ser considerada quando se escreve as considerações finais:



Cabe, entretanto, fazer algumas considerações de ordem prática que são bastante relevantes. Numa Tese de Doutorado requer-se originalidade. Isto significa que o problema identificado deve corresponder a uma lacuna no conhecimento da área e que o trabalho deve ser inédito. O mesmo não é requerido numa Dissertação de Mestrado, e muito menos numa Monografia de conclusão de curso. Qualquer que seja, porém, a natureza do trabalho, requer-se a tomada de uma série de cuidados na formulação do problema (GIL, 2002, p. 62).

Deve-se considerar que, caso não seja uma tese de doutorado, não preciso que as considerações finais reforcem o argumento do ineditismo do trabalho científico. Portanto, o texto científico pode se realizar a partir de outros estudos, não sendo, assim, uma característica imprescindível a formulação de um problema inédito no campo de estudo de determinada área do conhecimento.

No quadro abaixo, pode-se depreender como os autores conduziram a construção de suas considerações finais:

**Quadro 16** – Exemplo de parágrafo da seção de considerações finais

Este ensaio cumpriu o objetivo que se propôs: apresentar a EaD no Brasil a partir do desenvolvimento do Programa UAB.	<b>Retomada do objetivo da pesquisa</b>
Sem querer alcançar a exaustividade sobre a temática ou fazer um estudo de revisão bibliográfica sistemática, esta investigação conseguiu explorar essa temática.	<b>Limitação da pesquisa</b>
A centralidade da pesquisa pautou-se por desenvolver uma análise de caráter descritivo e fundamentado na literatura mais recente acerca do tema, sem, com isso, aprofundar-se em detalhamentos ou correlações que tenderiam a alargar o objetivo do presente estudo.	<b>Perspectiva teórico-metodológica adotada</b>

*Fonte: Adaptação de Costa e Sousa (2020, p. 133).*

No Quadro 16, é possível depreender como os articulistas conseguiram realizar sua pesquisa. Primeiramente, eles retomam qual foi o objetivo da pesquisa e afirmam tê-lo cumprido. No segundo momento, eles registram a limitação da pesquisa. No terceiro momento, eles apresentam qual foi a postura teórico-metodológica assumida durante a pesquisa.

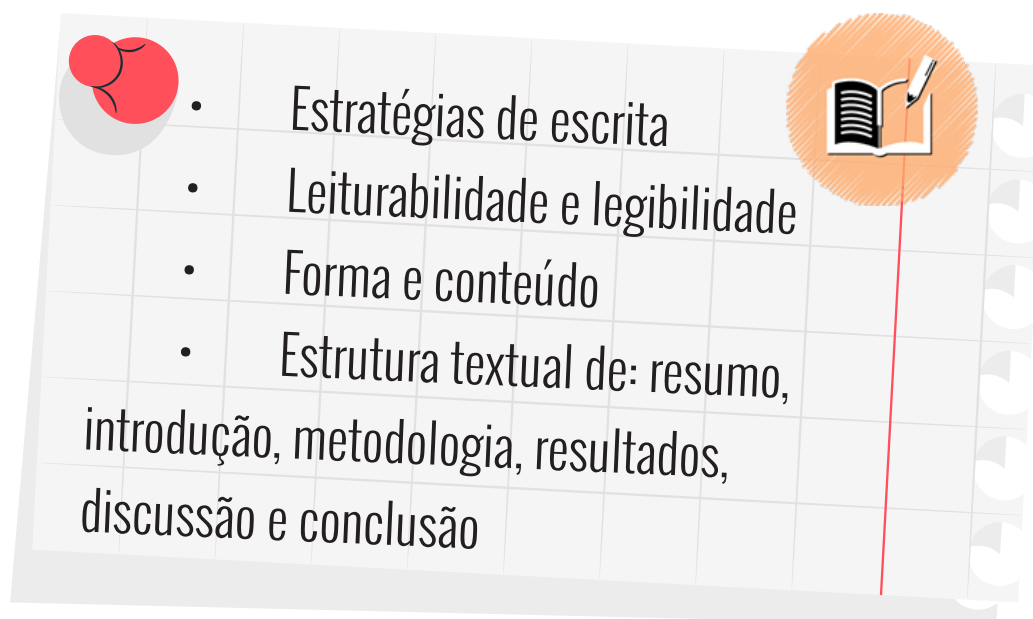
Existem diversos modos de se encerrar um texto científico. Todavia, algumas precauções devem ser tomadas. Por exemplo, não se pode citar teóricos ou estudos que não foram anteriormente explorados no desenvolvimento da pesquisa, bem como não é aconselhável apresentar dados novos que não foram abordados na seção de discussão dos resultados. Em suma, as considerações finais de um texto científico servem para encerrar a discussão aberta na introdução, desse modo, espera-se que seja um texto sucinto, coerente com os resultados obtidos e objetivo, sem rodeios ou extrapolações desnecessárias.



■ As extrapolações são particularmente perigosas. Extrapolar significa estender as conclusões além dos limites que seu modelo pode ser utilizado, e esta extensão deve ser sempre evitada.

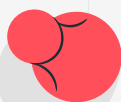
No trabalho de Cândido et al. (2016), por exemplo, foi desenvolvida uma metodologia e a mesma foi aplicada para um pequeno conjunto de moléculas. O resultado pareceu promissor e os autores sugerem, ao final do artigo, que esta metodologia pode ser aplicada para outras moléculas também. A afirmação claramente trata-se de uma extrapolação. No entanto, os autores se resguardaram apresentando apenas uma sugestão, baseada nas evidências observadas com o conjunto de moléculas utilizado. Quem pretender utilizar esta sugestão deverá fazer seus próprios testes e avaliar a validade desta metodologia para seu caso particular.

## Resumo dos conceitos-chave que aprendemos neste capítulo



- Estratégias de escrita
- Leitabilidade e legibilidade
- Forma e conteúdo
- Estrutura textual de: resumo, introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão

# PESQUISA CIENTÍFICA: FONTES E BASES



## Objetivos do capítulo

- Definir o que são fontes
- Conceituar o que são bases
- Discutir a importância da revisão sistemática da literatura

# Fontes e Bases de dados

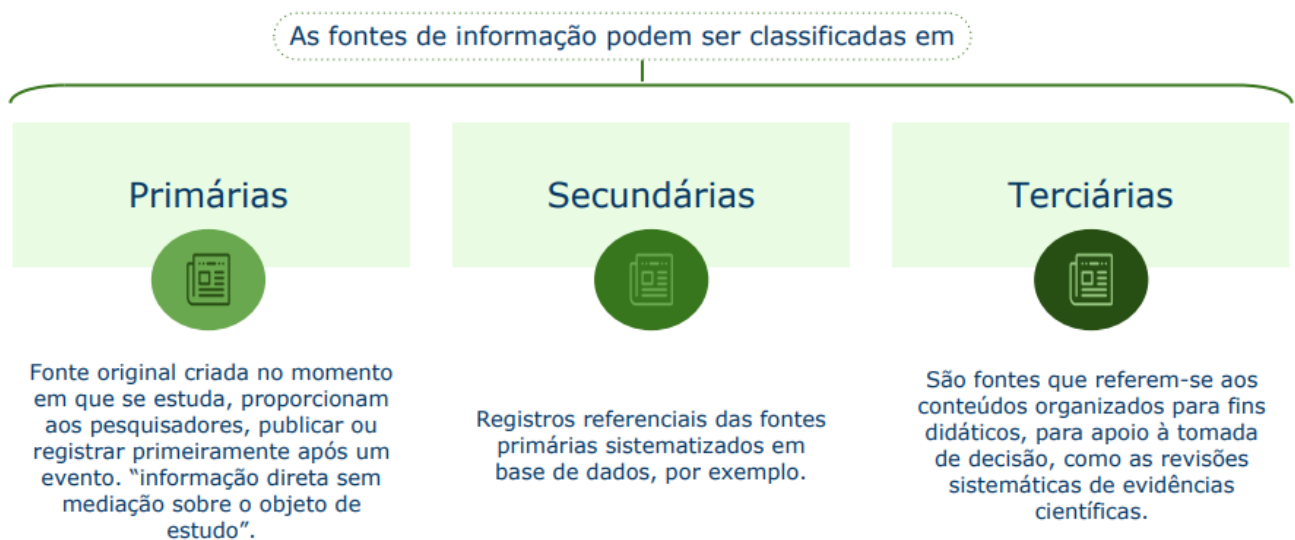
Neste capítulo, vamos conhecer os tipos de fontes de informação e de bases de dados. Além disso, exploraremos o que é e como se faz uma revisão sistemática de textos científicos, demonstrando a importância desse tipo de pesquisa para a produção do conhecimento científico.

## O que são fontes de informação?

Conforme a Biblioteca Central de Estudantes da Universidade de Brasília (BCE, 2020, p. 3), as fontes de informação são “recursos que reúnem informação, com aplicação de critérios confiáveis, de preferência revisada por pares, e que respondam a uma demanda informacional dos usuários”.

Conforme explica a professora Lilia Alvares (2019), da Faculdade da Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), em acordo com a Biblioteca Central de Estudantes (BCE), pode-se compreender a seguinte tipologia para as fontes de informação:

Figura 3 – Classificação das fontes



Fonte: Reprodução de BCE/UnB (2020, p. 4).

Considerando essa classificação das fontes, apresentam-se, a seguir no Quadro 17, alguns exemplos de cada um dos tipos:

**Quadro 17** – Exemplos de fontes primárias, secundárias e terciárias

<b>FONTES DE INFORMAÇÃO PRIMÁRIA</b>	<b>FONTES DE INFORMAÇÃO SECUNDÁRIA</b>	<b>FONTES DE INFORMAÇÃO TERCIÁRIA</b>
Eventos científicos	Bases de dados	Bibliografias de bibliografias
Legislação	Bibliografias	Relação de Bibliotecas
Nomes e marcas comerciais	Catálogos	Diretórios de Financiamento e fomento à pesquisa
Normas técnicas	Dicionários e Enciclopédias	Revisão de Literatura dentre outros
Patentes	Feiras de exposições	
Periódicos	Filmes e vídeo	
Projetos de pesquisa em andamento	Fontes históricas	
Relatórios técnicos	Internet	
Teses e Dissertações, dentre outros.	Livros, dentre outros	

**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir das contribuições de Alvares (2019) e BCE (2020).

Conforme Marconi e Lakatos (2002, p. 62) explicam, “o levantamento de dados, primeiro passo de qualquer pesquisa científica, é feito de duas maneiras: pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias)”. Pode-se acrescentar que a pesquisa em fontes terciárias faz parte da pesquisa bibliográfica. Desse modo, pode-se inferir que saber qual fonte será consultada implica diretamente na técnica de pesquisa a ser utilizada. Daí a importância do conhecimento da classificação dos tipos de fonte.

## O que são bases de dados?

Bases de dados são, atualmente, coleções eletrônicas nas quais estão armazenadas grandes quantidades de informação. Essas informações estão organizadas de forma estruturada, o que significa que podem ser consultadas de maneira rápida e fácil.

Em geral, as bases de dados reúnem revistas científicas, as quais, por sua vez, disponibilizam acesso a diversos materiais como: artigos, referências, vídeos, dentre outros. Existem bases de dados multidisciplinares que englobam distintas áreas do saber, como também há bases de dados específicas que concentram materiais de determinado campo do conhecimento.

Segundo a professora Lilia Alvares (2019), da Faculdade da Ciência da Informação da UnB, pode-se compreender a seguinte tipologia para as fontes de informação:

**Figura 4** – Tipologia das fontes de informação

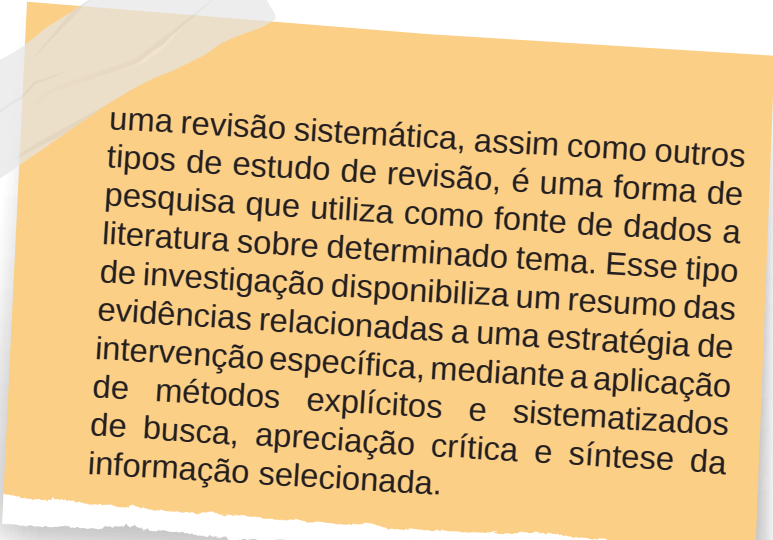


**Fonte:** Reprodução da figura presente em BCE (2020, p. 5) e também em Alvares (2019).

Como se pode apreender, as bases de dados podem ser distinguidas em dois tipos: a livre e a restrita. A tipologia se baseia no acesso que o usuário tem da base. Se a consulta for livre, isto é, todos podem acessar a base de dados, a classificação da base é livre. Agora, se a consulta for limitada por uma restrição de acesso, então a base de dados é restrita. A Figura 4 ilustra essa distinção com os exemplos dos bancos de dados de Scielo, Latindex e DOAJ que são de livre acesso, em comparação com a base de dados do Periódicos, do CNPq/MEC, no qual somente instituições de ensino superior cadastradas e seus membros podem acessar.

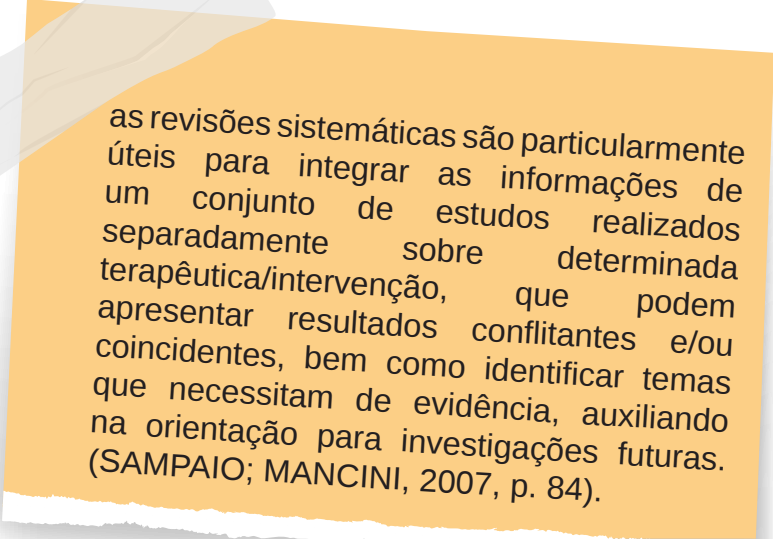
## A importância da revisão sistemática na produção do conhecimento

Uma vez que entendemos a distinção entre fontes e bases de informação, vamos, agora, explorar a importância da revisão sistemática na produção do conhecimento. Sampaio e Mancini (2007, p. 84) explicam que



uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada.

Os autores ainda esclarecem que:



as revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras. (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 84).

Compreende-se, assim, que a revisão bibliográfica é um ato muito relevante na produção do conhecimento. De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p. 223), a revisão bibliográfica se caracteriza como “análise dos dados levantados em fontes secundárias. Refere-se às informações ligadas ao estudo e ao resumo das conclusões mais importantes”. Nesse sentido, a revisão bibliográfica não necessariamente retoma todas as fontes secundárias, mas sim as mais importantes e relevantes para o escopo da pesquisa. Por isso, Marconi e Lakatos esclarecem que “bibliografias pertinentes ao tema da pesquisa não devem ser omitidas, assim como trabalhos que nada tenham a ver com o assunto devem ser excluídos”.

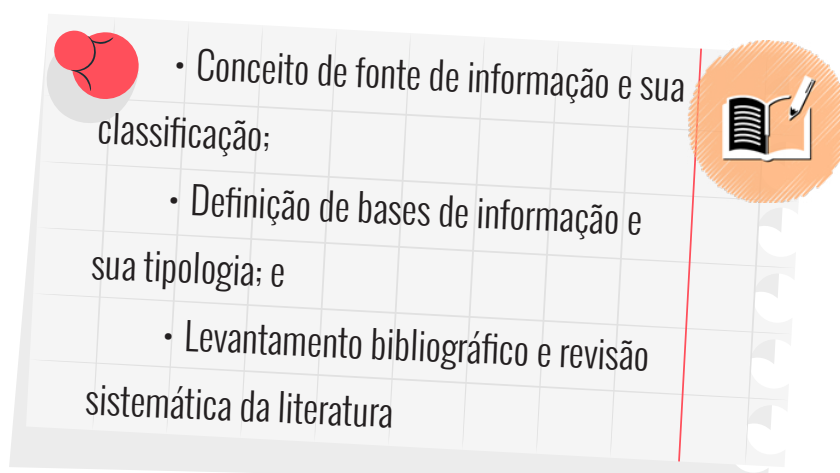
### Dicas de como fazer uma revisão sistemática.

Compreendida a relevância da pesquisa bibliográfica para produção do conhecimento, em específico a revisão sistemática. Sugerem-se as seguintes dicas para se fazer uma revisão sistemática:

- I. Escolha uma base de dados com o acervo adequado ao tema da pesquisa;
- II. Selecione um período de tempo específico (anos, meses e dias);
- III. Busque por palavras-chave específicas;
- IV. Estabeleça critérios para segmentar o grupo de materiais encontrado;
- V. Confronte os materiais encontrados e faça um novo reagrupamento;
- VI. Discuta os resultados encontrados com pesquisas anteriores; e
- VII. Faça sugestões para as pesquisas ulteriores.

Essas dicas não são exaustivas, porém servem de norte no momento de se iniciar um levantamento bibliográfico sobre o seu tema de pesquisa. Como indica Gil (2008, p. 68), “[...] pesquisadores experientes preferem formular um problema amplo e, a seguir, mediante revisão da literatura e discussão com pessoas que tiveram experiência com o assunto, vão progressivamente tornando o problema mais específico”. Esse é o progressivo desenvolvimento de um projeto de pesquisa: do levantamento bibliográfico ao problema de pesquisa.

### Resumo dos conceitos-chave que aprendemos neste capítulo



- Conceito de fonte de informação e sua classificação;
- Definição de bases de informação e sua tipologia; e
- Levantamento bibliográfico e revisão sistemática da literatura

# FORMATAÇÃO DO TEXTO CIENTÍFICO: NORMAS DA ABNT



## Objetivos do capítulo

- Apresentar a ABNT e suas normas;
- Explorar a legibilidade do texto científico a partir de sua formatação;
- Indicar as principais normas da ABNT utilizadas na formatação dos textos científicos;
- Expor as normas de citação e de referenciação em textos acadêmicos; e
- Indicar softwares de edição e formatação de textos científicos.



# ABNT para quê?

Neste capítulo vamos aprender sobre a formatação do texto científico com base nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Essa organização foi fundada em 1940. Sua função é administrar a normalização técnica no Brasil, orientando diversos setores. A ABNT é um dos membros fundadores da Organização Internacional de Normalização (ISO), entidade que congrega todos os órgãos de normas técnicas do mundo.

Com relação à formatação dos textos, a ABNT estabelece diversas normas que auxiliam a padronizar os textos, sendo, assim, relevante seu trabalho para manter a qualidade e a legibilidade dos textos, sobretudo os de caráter técnico e acadêmico.

Abaixo, elencamos as principais normas vigentes relacionadas às práticas da comunidade acadêmica:

ABNT NBR 5892.2019 – Norma para datar

ABNT NBR 6022.2018 – Artigos em periódicos

ABNT NBR 6023.2018 – Referências

ABNT NBR10719.2015 – Relatório técnico e/ou científico

ABNT NBR 6027.2013 – Sumário

ABNT NBR 6024.2012 – Numeração progressiva

ABNT NBR 14724.2011 – Trabalhos acadêmicos

ABNT NBR 15287.2011 – Projeto de pesquisa

ABNT NBR 15437.2006 – Pôsteres técnicos e científicos

ABNT NBR 1225.2004 – Lombada

ABNT NBR 6034.2004 – Índice

ABNT NBR 6028.2003 – Resumo

ABNT NBR 10520.2002 – Citações em documentos

**Como se pode apreender, são diversos documentos. As normativas da ABNT podem se alterar. Entretanto, essas mudanças não são tão rotineiras como se costuma dizer.**



A última mudança foi na ABNT NBR 6022.2018 que substituiu ABNT NBR 6022.2003 – como se pode apreender demorou quinze anos para haver uma alteração nesse caso. Todavia, recomenda-se que se fique atento às publicações mais recentes das normas da ABNT para não utilizar formatações inadequadas.

## Do conteúdo para a forma

No capítulo 2, você viu as principais partes que compõem o texto científico: o conteúdo e a leitura. Agora será abordada a formatação do texto científico: a forma e a legibilidade. Para tanto, é importante retomarmos a distinção entre conteúdo e forma do texto científico, bem como o conceito de leitura e legibilidade.

**Quadro 18** – Retomando conceitos de conteúdo, forma, leitura e legibilidade

Conteúdo	Forma
A ordem das ideias e as expectativas de temas a serem abordados	A diagramação da página, os tópicos essenciais, o tamanho da letra, a citação do discurso alheio, etc.
Leitura	Legibilidade
Apresenta relação com a compreensão do que se está lendo	Relacionado ao reconhecimento dos caracteres no ato da leitura

*Fonte: Elaborado pelos autores*

Nesse momento, vamos abordar a legibilidade dos textos científicos, abordando a sua forma. Para tanto, nos próximos tópicos, serão apresentadas normas de formatação dos textos baseadas, sobretudo, em três normas da ABNT, a saber:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

## Diagramação: a apresentação do texto na página

Observe o que orienta a NBR 14724 (ABNT, 2011):

- a) papel branco ou reciclado com formato A4;
- b) pode-se digitar no anverso das folhas;
- c) fonte textual padrão: tamanho 12 e fonte Arial ou Times New Roman;
- d) fonte menor: tamanho 10 e fonte Arial ou Times New Roman;
- e) margens: esquerda e superior com 3 cm e direita e inferior com 2 cm;
- f) uso de Negrito: para títulos e tópicos primários;
- g) uso de itálico: destaque e palavras estrangeiras; e
- h) uso de aspas duplas (“ ”): para citação direta de discurso alheio com até três linhas.

## Espaçamento

Nos trabalhos acadêmicos, o espaçamento é de 1,5 entre as linhas, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, natureza (tipo do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido e área de concentração), que devem ser digitados em espaço simples. As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por um espaço simples em branco.

Em relação à numeração progressiva das seções de um documento escrito, a NBR 6024 (ABNT, 2012) estabelece um sistema de numeração progressiva das seções de documentos escritos de modo a expor numa sequência lógica o inter-relacionamento da matéria e permitir sua localização.

- Deve-se limitar a numeração progressiva até a seção quinária;
- Na leitura oral não se pronunciam os pontos;
- Não se utilizam ponto, hífen, travessão ou qualquer sinal após o indicativo de seção, ou de seu título; e
- Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando os recursos de negrito, caixa alta ou outro recurso.

## Seções

A seção é parte em que se divide o texto de um documento, que contém as matérias consideradas afins na exposição ordenada do assunto;

- Seção primária: principal divisão do texto de um documento;
- Seção secundária, terciária, quaternária, quinária: é uma divisão do texto de uma seção primária, secundária, terciária, quaternária, respectivamente.

**Figura 5** – Exemplo de numeração progressiva de seções e subseções

<p><b>1 INTRODUÇÃO</b></p> <p><b>2 GESTÃO AMBIENTAL</b></p> <p>    2.1 Os minerais e o meio ambiente</p> <p>        2.1.1 Grafite</p> <p>            2.1.1.1 Grafite negro</p> <p>                2.1.1.1.1 Propriedades do grafite negro</p> <p>        2.1.2 Diamante</p> <p><b>3 OS ANIMAIS DA FAUNA ATLÂNTICA</b></p>
---

*Fonte: Elaborado pelos autores*

## Tipos de notas

Conforme a NBR 14724 (ABNT, 2011), existem três tipos de notas, a saber:

- Notas de referência: notas que indicam fontes consultadas ou remetem a outras partes da obra onde o assunto foi abordado.
- Notas de rodapé: indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica.
- Notas explicativas: notas usadas para comentários, esclarecimentos ou explicações, que não possam ser incluídos no texto. A numeração das notas explicativas é feita em algarismos arábicos, devendo ter numeração única e consecutiva para cada capítulo ou parte. Não se inicia a numeração a cada página.

## Citações

A NBR 10520 (ABNT, 2018) especifica as características exigíveis para apresentação de citações em documentos. De acordo com a normativa, citação é a menção de uma informação extraída de outra fonte. Existem três tipos de citação, a saber:

- Citação de citação: citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original.
- Citação direta: transcrição textual de parte da obra do autor consultado.
- Citação indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

As citações podem aparecer no texto e em notas de rodapé. Nas citações, as chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título incluído na sentença devem ser em letras maiúsculas e minúsculas e, quando estiverem entre parênteses, devem ser em letras maiúsculas.

Veja os exemplos:

**Figura 6** – Exemplo de citação indireta com a autoria fora dos parênteses

**Citação indireta com a autoria fora dos parênteses = maiúscula e minúsculas:**

A ironia seria assim uma forma implícita de heterogeneidade mostrada, conforme a classificação proposta por Authier-Reiriz (1982).

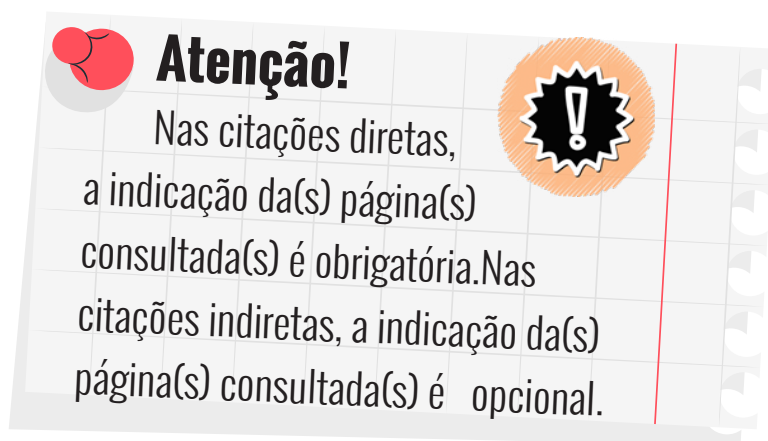
*Fonte: Elaborado conforme a NBR 10520 (ABNT, 2018).*

**Figura 7** – Exemplo de citação indireta com a autoria dentro dos parênteses

**Citação direta com autoria dentro dos parênteses = maiúsculas**

“Apesar das aparências, a desconstrução do logocentrismo não é uma psicanálise da filosofia [...]” (DERRIDA, 1967, p. 293).

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 10520 (ABNT, 2018).*



As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação. Veja o exemplo:

**Figura 8** – Exemplo de citação direta menor de três linhas

Segundo Sá (1995, p. 27): “[...] por meio da mesma ‘arte de conversação’ que abrange tão extensa e significativa parte da nossa existência cotidiana [...]”.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 10520 (ABNT, 2018).*

### Citação direta maior de três linhas

As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem as aspas. No caso de documentos datilografados, deve-se observar apenas o recuo.

Veja o exemplo:

**Figura 9** – Exemplo de citação direta maior de três linhas

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 10520 (ABNT, 2018).*

Devem ser indicadas as supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaques, do seguinte modo:

- a) supressões: [...];
- b) interpolações, acréscimos ou comentários: [ ];
- c) ênfase ou destaque: grifo ou negrito ou itálico;

Após as informações de autoria, data e página, indicar em parênteses as seguintes ocorrências:

- a) citação de trabalhos em fase de elaboração: (em fase de elaboração) + indicação em nota explicativa;
- b) dados obtidos por informação verbal (palestras, debates, comunicações etc.): (informação verbal) + indicação em nota explicativa;
- c) texto traduzido: (RAHNER, 1962, v. 4, p. 463, tradução nossa);
- d) destaque (grifo, negrito ou outro tipo de marcação) dado pelo autor da citação: (CANDIDO, 1993, v. 2, p. 12, grifo do autor); e
- e) destaque (grifo, negrito ou outro tipo de marcação) dado pelo citante: (SOUTO, 1916, p. 46, grifo nosso).

## Sistema Autor-Data

No sistema Autor-Data, a indicação da fonte é feita pelo sobrenome de cada autor ou pelo nome de cada entidade responsável até o primeiro sinal de pontuação, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso de citação direta, separados por vírgula e entre parênteses. Veja o exemplo:

**Figura 10** – Referência no Sistema Autor-data

**No texto:**

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular” (LOPES, 2000, p. 225).

**Na lista de referências:**

LOPES, José Reinaldo de Lima. O direito na história. São Paulo: Max Limonad, 2000.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Escrita da autoria: por extenso ou com siglas?

Uma das dúvidas mais comuns no sistema Autor-Data é se na lista de referências deve-se escrever o nome dos autores por extenso ou usando siglas. As normas mais recentes aceitam os dois modos, mas fazem duas recomendações:

6.8 Ao optar pelo uso de elementos complementares, estes devem ser incluídos em todas as referências do mesmo tipo de documento.

6.9 Os casos omissos devem ser resolvidos utilizando-se o código de catalogação vigente” (ABNT, 2018, p. 5).

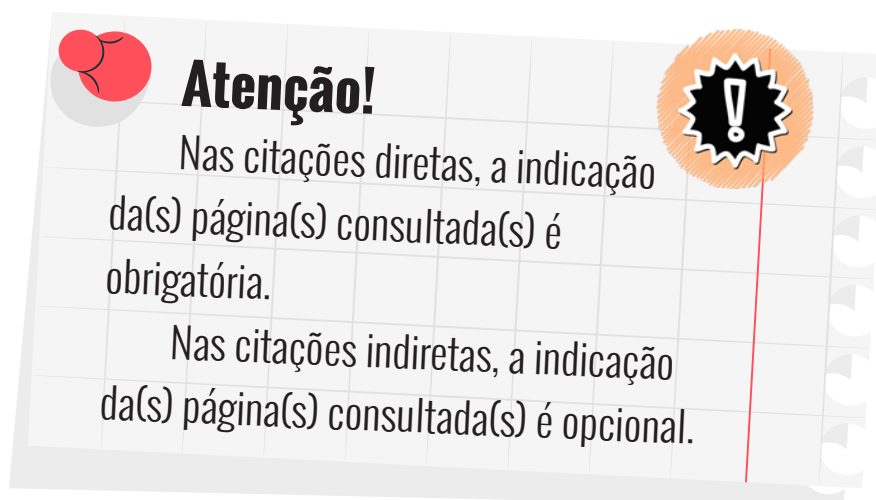
Isso quer dizer que, se escolheu escreveu por extenso, isso deve ser seguido em toda a lista de referências. E se houver um código de catalogação vigente – por exemplo, as regras de normatização de um periódico científico ou um Manual de Redação Científica oficial da instituição de ensino –, essa normatização deve ser seguida. Veja o exemplo:

**Figura 11** – Autoria por extenso e por siglas

**Autoria escrita por extenso:**  
BAUMAN, Zygmunt. **Globalização:** as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

**Autoria escrita com siglas:**  
BAUMAN, Z. **Globalização:** as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*





A *NBR 6023 (2018)* estabelece os elementos a serem incluídos em referências. Essa Norma fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação.

## Definições de autoria

Conforme a ABNT, duas são as definições de autoria, a saber:

- *Autor* é pessoa física e/ou pessoa(s) física(s) responsável(eis) pela criação do conteúdo intelectual ou artístico de um documento; e
- *Autor-entidade* é pessoa jurídica, evento, instituição(ões), organização(ões), empresa(s), comitê(s), comissão(ões), evento(s), entre outros, responsáveis por publicações em que não se distingue autoria pessoal.

## Definições de referência

A referência é constituída de elementos essenciais e, quando necessário, acrescida de elementos complementares. Os elementos essenciais e complementares são retirados do próprio documento e devem refletir os dados do documento consultado. Na inexistência desses dados, utilizam-se outras fontes de informação, indicando-os entre colchetes.

## Documentos *on-line*

Para documentos *on-line*, além dos elementos essenciais e complementares, deve-se registrar o endereço eletrônico, precedido da expressão *Disponível em:*, e a data de acesso, precedida da expressão *Acesso em:*. Não se aplica a mensagens e documentos eletrônicos, cujos endereços não estejam disponíveis.

## Referência de livros

Os elementos essenciais para livro e/ou folheto são: autor, título, subtítulo (se houver), edição (se houver), local, editora e data de publicação.

**Figura 12** – Exemplo de referência de livro

### Elementos essenciais

LUCK, Heloisa. **Liderança em gestão escolar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

### Elementos complementares

LUCK, Heloisa. **Liderança em gestão escolar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 165 p., 18 cm. (Cadernos de gestão, v. 4). Bibliografia: p. 149-155. ISBN 978-85-3263-62-01.

*Fonte:* Elaborado conforme a *NBR 6023 (ABNT, 2018)*.

## Referência de trabalho acadêmico

Os elementos essenciais para trabalho acadêmico são: autor, título, subtítulo (se houver), ano de depósito, tipo do trabalho (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e outros), grau (especialização, doutorado, entre outros) e curso entre parênteses, vinculação acadêmica, local e data de apresentação ou defesa. Veja o exemplo:

**Figura 13** – Exemplo de referência de trabalho acadêmico

### Elementos essenciais

AGUIAR, André Andrade de. **Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina**. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

### Elementos complementares

RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. **Impacto de um programa de exercícios no local de trabalho sobre o nível de atividade física e o estágio de prontidão para a mudança de comportamento**. Orientador: Mario Ferreira Junior. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Referência de CD-ROM

Para documentos em meio eletrônico, as referências devem obedecer aos padrões indicados para os documentos monográficos no todo, de acordo com 7.1, acrescidas da descrição física do suporte (CD, DVD, pen drive, e-book, blu-ray disc e outros). Veja o exemplo:

**Figura 14** – Exemplo de referência de CD-ROM

### Elementos essenciais

KOOGAN, André; HOUAISS, Antônio (Eds.). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Referência de e-book

Para documentos disponíveis on-line, quando necessário, acrescentar elementos complementares à referência para melhor identificar o documento, como a data de acesso e o endereço digital. Veja os exemplos:

**Figura 15** – Exemplo de referência de e-book

### Elementos essenciais

GODINHO, Thais. **Vida organizada**: como definir prioridades e transformar seus sonhos em objetivos. São Paulo: Gente, 2014. E-book.

BAVARESCO, Agemir; BARBOSA, Evandro; ETCHEVERRY, Katia Martin (Orgs.). **Projetos de filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. E-book. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetosdefilosofia.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Referência de partes, seções e capítulos de obras completas

Inclui seção, capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor e/ou título próprios. Os elementos essenciais são: autor e título da parte, seguidos da expressão In: e a referência completa da monografia no todo. Veja o exemplo:

**Figura 16** – Exemplo de referência de capítulo de livro

### Elementos essenciais

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, Giovanni.; SCHMIDT, Jean-Claude. (Orgs.). **História dos jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Referência de artigo, seção e/ou matéria de publicação periódica

Inclui partes de publicação periódica, artigo, comunicação, editorial, entrevista, resenha, reportagem, resenha e outros.

Os elementos essenciais são: autor, título do artigo ou da matéria, subtítulo (se houver), título do periódico, subtítulo (se houver), local de publicação, numeração do ano e/ou volume, número e/ou edição, tomo (se houver), páginas inicial e final, e data ou período de publicação. Veja o exemplo:

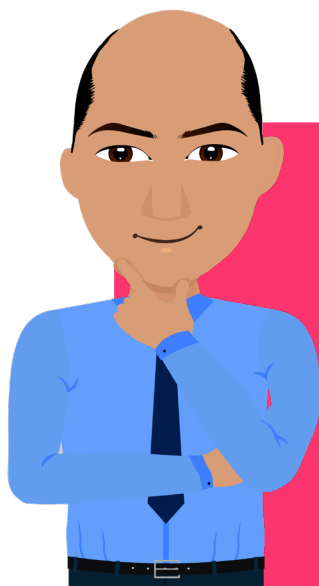
**Figura 17** – Exemplo de referência de artigo publicado em periódico científico

**Elementos essenciais:**

TAVARES, Raul. O combate naval do Monte Santiago. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 155, t. 101, p. 168-203, 1953.

*Fonte: Elaborado conforme a NBR 6023 (ABNT, 2018).*

## Softwares que auxiliam na formatação dos textos



**Você sabia que existem softwares que podem ajudar na formação dos textos científicos? Muitos alunos não sabem, mas já existem diversos softwares gratuitos que podem ajudar no momento de formatação dos textos científicos. Veja alguns deles:**

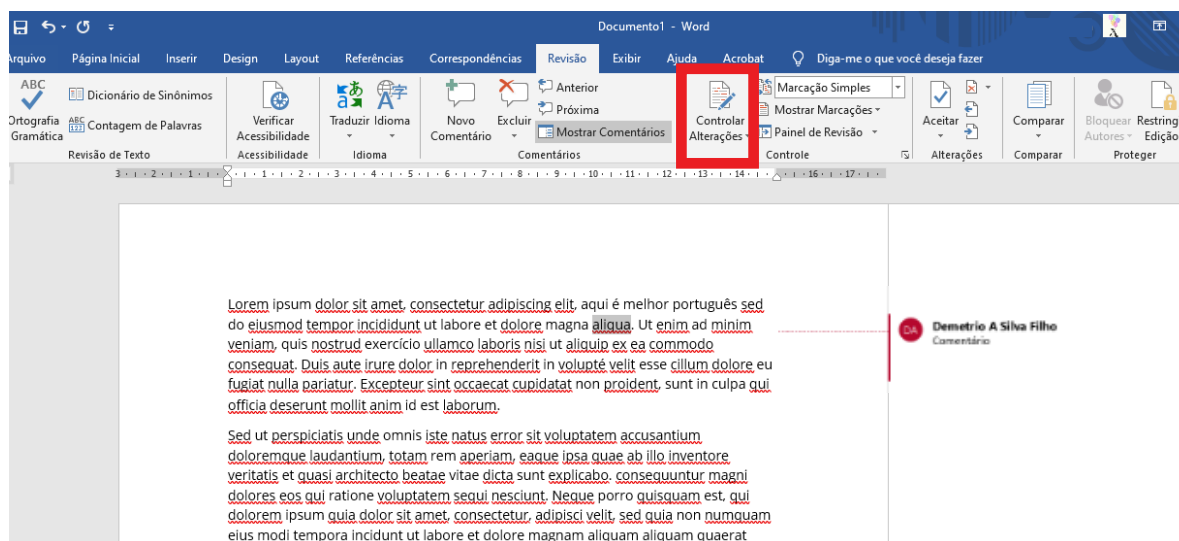
- Microsoft Word (atualmente os alunos da UnB podem utilizar o Microsoft Word gratuitamente. Porém, este não se trata de um software gratuito);
- Google Docs;
- Latex;
- Overleaf, dentre outros.

Embora não seja o intuito desta obra fazer um exame exaustivo das potencialidades de cada um desses softwares, nos tópicos, a seguir, vamos descrever algumas das possibilidades de edição e formatação que eles oferecem. É importante dizer que, embora alguns deles tenham funções gratuitas ou condições em que o usuário pode utilizá-lo gratuitamente, algumas de suas funcionalidades podem solicitar licenças e/ou chaves de acesso, as quais exigem, comumente, pagamentos de taxas únicas ou periódicas. Por isso, é aconselhável, antes de instalar ou fazer uso desses programas, explorá-los e verificar os seus respectivos contratos de uso.

## Microsoft Word

O Microsoft Word, da Microsoft, é certamente o editor de texto mais conhecido e utilizado na academia. A ferramenta de revisão é muito útil no trabalho de correção com o orientador, pois o aluno pode identificar quais as sugestões do orientador e aceitá-las ou não. Várias instituições de ensino, como a UnB, oferecem gratuitamente o uso do Microsoft Word para seus alunos através de uma licença pactuada com a Microsoft. O trabalho a quatro mãos torna-se mais fácil a partir desse recurso.

**Figura 18** – Tela do software Word, da Microsoft, com correções apontadas a partir do recurso Revisão



*Fonte: Arquivo Pessoal.*

Como se pode acompanhar na Figura 18, todas as alterações no documento ficam marcadas em vermelho. Além disso, é possível fazer comentários em balões que ficam ao lado do texto. São funções que podem ser utilizadas entre o discente e seu professor-orientador no momento de edição do texto de monografia, por exemplo.

## Google docs

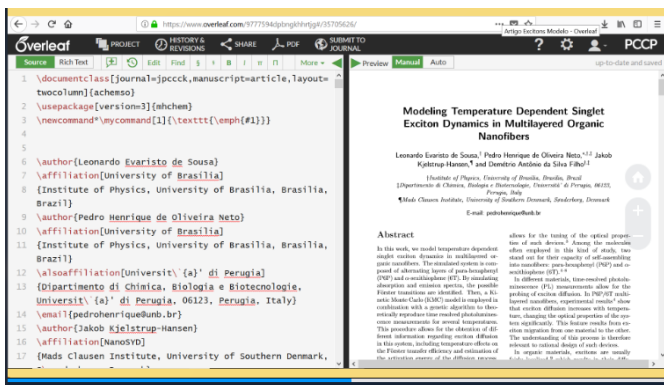
O Google Docs é essencialmente um Word on-line. A grande vantagem é a existência de um só documento. É uma ferramenta fantástica para o trabalho a várias mãos, porque só existe um documento em que todos os que estão habilitados podem editar. Cada alteração aparece com uma cor diferente e com a indicação da autoria. Quem tem uma conta de gmail tem acesso ao Google Docs e pode utilizar-se de toda sua funcionalidade.

## Overleaf e Latex

A plataforma Overleaf.com permite a edição de textos utilizando a ferramenta Latex. O Latex é um processador de texto, não um editor. O Overleaf é um editor de textos para serem processados utilizando o Latex. A grande vantagem desta plataforma é permitir facilmente o trabalho coletivo e a gravação de revisões. Além disso, essas são plataformas que oferecem vários templates – modelos de documentos já formatados – para serem preenchidos com os dados que o usuário almejar.

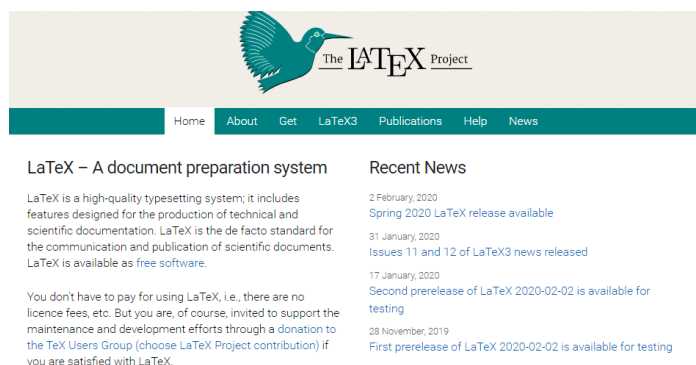
O usuário pode abrir uma conta na plataforma Overleaf.com sem custo algum, dentro de algumas limitações.

Figura 19 – Tela do Overleaf



Fonte: Arquivo Pessoal.


Figura 20 – Tela do Latex




Fonte: Arquivo Pessoal.

Como se pode perceber, existem diversas ferramentas digitais que podem ajudar o estudante no momento de formatação do texto científico. Escolha uma e explore suas potencialidades. Lembre-se sempre de consultar as normas da ABNT e, assim, manter-se em conformidade com a normatização dos textos científicos, garantido a legibilidade do seu texto.

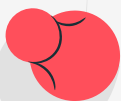
## Resumo dos conceitos-chave que aprendemos neste capítulo



- ABNT;
- Legibilidade do texto científico e sua formatação;
- Principais normas da ABNT utilizadas na formatação dos textos científicos;
- Normas de citação e de referência em textos acadêmicos;
- Softwares de edição e formatação de textos científicos.



# ÉTICA ACADÊMICA: A QUESTÃO DO PLÁGIO

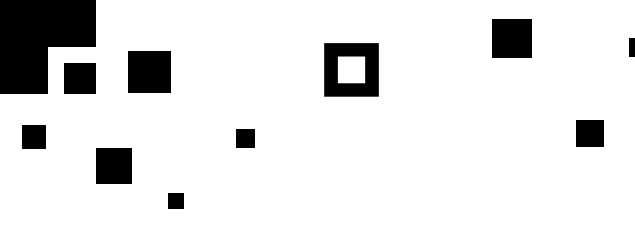


## Objetivos do capítulo

- Discutir o que é plágio;
- Apresentar a legislação que aborda o crime de plágio; e
- Debater a ética acadêmica.

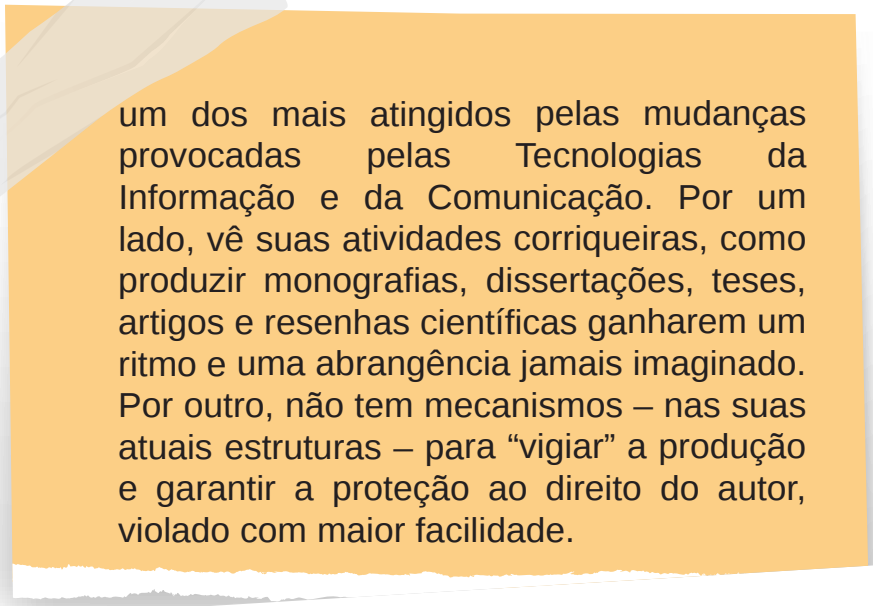
**Chega de Ctrl+C e Ctrl+V!**





Neste último capítulo, vamos aprender sobre a ética acadêmica, abordando o conceito de plágio em textos científicos. É importante estudar esse tema no seio da comunidade acadêmica, porque, nos últimos anos, tem ficado mais frequentes os casos de cópia indevida de textos acadêmicos. Isso resulta tanto da difusão exacerbada de informação que ocorreu com o advento da internet, tanto quanto pela lacunar formação que tínhamos nos primeiros ciclos formativos no que se refere a gestão, a curadoria e a divulgação da informação – esses temas recentemente entraram na seara escolar a partir da publicação da *Base Nacional Comum Curricular* em 2017.

Conforme Rosa Costa (2016, p. 188), o mundo acadêmico é



um dos mais atingidos pelas mudanças provocadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Por um lado, vê suas atividades corriqueiras, como produzir monografias, dissertações, teses, artigos e resenhas científicas ganharem um ritmo e uma abrangência jamais imaginado. Por outro, não tem mecanismos – nas suas atuais estruturas – para “vigiar” a produção e garantir a proteção ao direito do autor, violado com maior facilidade.

Rosa Costa (2016, p. 190) esclarece, ainda, que “os direitos autorais protegem, assim, tanto os direitos patrimoniais do autor (que tem direito de utilizar, fruir e dispor de sua obra), como seus direitos morais (a obra é criação do espírito humano)”. Nesse sentido, o mundo acadêmico deve ter acuidade ao abordar o tema de plágio, seja para salvaguardar a credibilidade do rigor científico, seja para proteger os direitos autorais de quem produziu as obras, em seus direitos patrimoniais e morais.

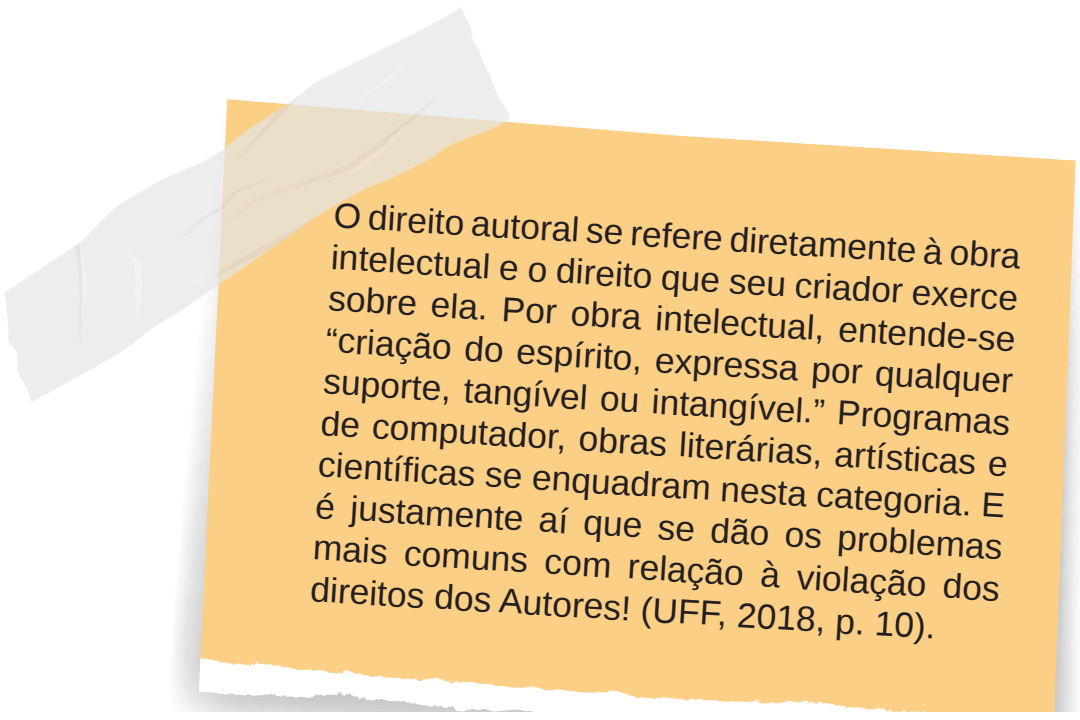
Nos tópicos que se seguem, vão se abordados a parte conceitual e legal do tema plágio. O intuito não é fazer uma investigação teórica e legalista exaustiva, mas sim demonstrar os principais marcos teóricos e legais que definem a prática do plágio, com enfoque, sobretudo, no plágio de textos acadêmicos. Com isso, a proposta é informar e conscientizar o estudante de graduação e pós-graduação dos malefícios dessa prática dentro e fora dos muros da universidade.

## Direitos autorais e plágio

Qualquer pessoa que se apropria do conhecimento de outro sem permissão está violando os direitos autorais. O plágio é considerado um crime no Brasil e está previsto na Lei nº. 9.610 (Lei de direitos autorais comerciais). Além disso, o Código Penal, caput do art. 184, estabelece pena para quem violar os direitos autorais.

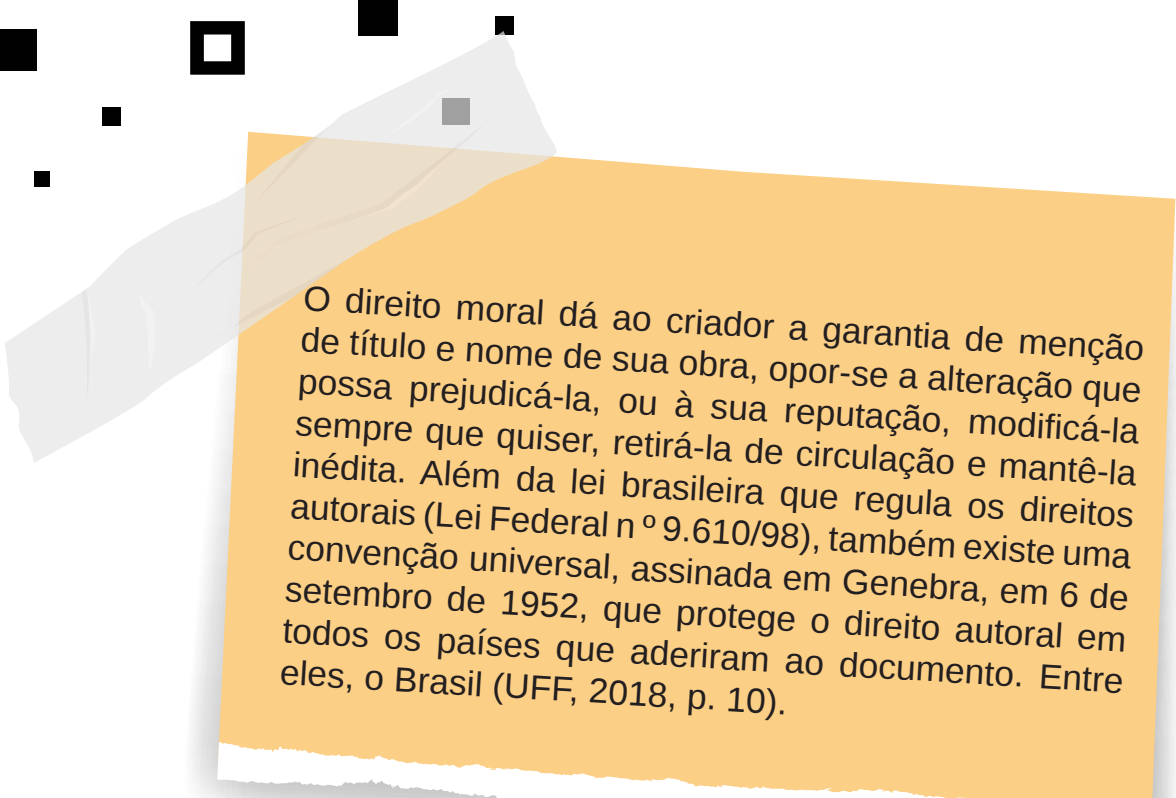
O conceito de plágio advém do termo latino *plagium* que significa furto. Desse modo, o plágio nas obras acadêmicas ocorre quando alguma pessoa apresenta ou assina como sua, em todo ou em parte, texto, alguma representação gráfica, imagem ou qualquer outro tipo de produção intelectual de outro indivíduo, sem o crédito correspondente.

De acordo com a cartilha *Nem tudo o que parece é*, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que aborda o tema específico do plágio acadêmico, os direitos autorais devem ser entendidos da seguinte forma:



O direito autoral se refere diretamente à obra intelectual e o direito que seu criador exerce sobre ela. Por obra intelectual, entende-se “criação do espírito, expressa por qualquer suporte, tangível ou intangível.” Programas de computador, obras literárias, artísticas e científicas se enquadram nesta categoria. E é justamente aí que se dão os problemas mais comuns com relação à violação dos direitos dos Autores! (UFF, 2018, p. 10).

A cartilha reforça ainda que, além dos direitos patrimoniais, o autor da obra possui os direitos morais sobre sua criação, em conformidade com o que foi dito acima nas palavras de Rosa Costa (2016).



O direito moral dá ao criador a garantia de menção de título e nome de sua obra, opor-se a alteração que possa prejudicá-la, ou à sua reputação, modificá-la sempre que quiser, retirá-la de circulação e mantê-la inédita. Além da lei brasileira que regula os direitos autorais (Lei Federal nº 9.610/98), também existe uma convenção universal, assinada em Genebra, em 6 de setembro de 1952, que protege o direito autoral em todos os países que aderiram ao documento. Entre eles, o Brasil (UFF, 2018, p. 10).

Como se pode acompanhar, os direitos autorais cobrem tanto os direitos patrimoniais quanto os morais. Além disso, os direitos autorais não estão restritos apenas ao território nacional. Há uma convenção universal, assinada em Genebra, Suíça, vigente desde 6 de setembro de 1952, em que as nações signatárias, entre eles o Brasil, comprometem-se a defender e a regulamentar os direitos autorais.

O que está na letra da lei?

Nos excertos a seguir, apresentamos o que está no corpo da lei sobre a prática de plágio:

### **Figura 21** – A legislação que aborda a prática de plágio

#### **Código Civil** - Art. 524

“a lei assegura ao proprietário o direito de usar, gozar e dispor de seus bens, e de reavê-los do poder de quem quer que, injustamente, os possua”.

**Código Penal** - Crime contra o Direito Autoral, previsto nos artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei nº. 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica)

Art. 7 - define as obras intelectuais que são protegidas por lei: considerando como obras intelectuais “as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro”.

Art. 184 - configura como crime de plágio o uso indevido da propriedade intelectual de outro.

Art. 299 - define o plágio como crime de falsidade ideológica, em documentos particulares ou públicos.

**Fonte:** Código Penal (BRASIL, 1940) e Código Civil (BRASIL, 2002).



## Lembre-se: Plágio é crime

A violação dos direitos autorais é crime e está prevista no artigo 184 do Código Penal, permitindo a punição que pode ser desde o pagamento de multa até a reclusão de quatro anos.



As decorrências do plágio dentro da universidade são diversas. No caso de plágio em obras que são requisitos parciais para a aprovação em titulações, há casos em que o diploma foi cassado. Pode-se observar isso em inúmeros casos que são noticiados em jornais impressos e televisivos.

### Plágio e citação

Você pode citar uma passagem de um trabalho alheio, porém, deve sempre deixar claro ao leitor a sua fonte. O uso de aspas, a identificação da referência, são formas de citar. Cuidado: um trabalho que é pura citação não é uma pesquisa inovadora; é, no máximo, uma obra de revisão bibliográfica. Deve-se ter em mente que citar corretamente não é crime! Muito pelo contrário. É recomendado e também resguarda quem está editando o texto sobre a veracidade da informação escrita.

Ao utilizar qualquer texto de outro autor, deve-se mencionar a fonte, seguindo, em geral, as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, em particular, a NBR 10520:2002 e a NBR 6023:20025.

Figura 22 – Exemplo de plágio

#### Texto Original

“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

#### Plágio

Temos que compreender que ensinar não é transferir conhecimento, porém criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.

Fonte: Elaborado pelos autores

**Figura 23** – Exemplo de citação

**Texto Original**

“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

**Citação direta**

Em *Pedagogia do oprimido*, Freire (2003, p. 47) explica que “ensinar não é transferir conhecimento, porém criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

**Citação indireta (paráfrase)**

Em *Pedagogia do oprimido*, Freire (2003, p. 47) explica que, ao ensinar, não se está simplesmente transferindo conhecimento. Diferentemente disso, o estudioso propõe que ensinar é um ato de criar possibilidades tanto para a produção do conhecimento, quanto para a sua construção.

*Fonte: Elaborado pelos autores*

Na Figura 22, pode-se observar que não há referência alguma ao texto original, configurando-se, assim, evidência flagrante de plágio. Na Figura 23, pode-se depreender diversos elementos que configuram a citação como a indicação da autoria, do ano e da página, tanto na citação direta como na citação indireta. Dessa maneira, pode-se entender que citar outra obra é permitido e enriquece o diálogo e a difusão do conhecimento, o que não pode acontecer e deve ser evitado é o uso indevido de qualquer trecho de obra alheia sem a correspondente indicação de autoria.

## Tipos de plágio

O plágio não somente ocorre quando há a cópia integral de palavra por palavra de outrem sem indicação de fonte. Podem ter uma gradação da cópia indevida decorrente do crime de plágio. Por isso, pode-se depreender os seguintes tipos de plágio:

- a) *Plágio integral*: cópia geral de palavra por palavra;
- b) *Plágio parcial*: o trabalho é uma espécie de "mosaico" da cópia de diversos parágrafos e frases de muitos autores, sem mencionar a autoria de nenhum destes;
- c) *Plágio conceitual*: a utilização da ideia de um autor, escrevendo-a de outro modo, sem citar a fonte original da ideia.

Além dessa tipologia, existem modalidades de plágio que ocorrem conforme se apresentam a cópia indevida dentro da obra viciada – isto é, que cometeu o vício do plágio. A seguir, apresentamos as modalidades mais conhecidas de plágio e as que são, mormente, menos conhecidas.

**Quadro 19 – Modalidade de plágio**

<b>Modalidades de plágio mais conhecidas</b>
<b>Plágio direto:</b> é cópia literal do texto original, sem qualquer referência ao autor ou qualquer indicação que é uma citação
<b>Plágio indireto:</b> é a reprodução, mas com as próprias palavras, de ideias de um texto original (paráfrase), não indicando a fonte original.
<b>Modalidades de plágio menos conhecidas</b>
<b>Plágio de fontes:</b> é a utilização das fontes de um autor consultado (fontes secundárias) como se as tivessem consultado em primeira mão.
<b>Plágio consentido:</b> é a apresentação ou a assinatura de trabalho alheio como se fosse de autoria própria, contando com a anuência do verdadeiro autor.
<b>Autoplágio:</b> é a reapresentação, como se fosse a primeira edição, de trabalho de própria autoria (em todo ou em parte) sem a indicação da primeira publicação.

*Fonte: Elaborado pelos autores a partir das contribuições de UFF (2018) e Rosa Costa (2016).*

Como se observa no Quadro 19, tem-se diversas modalidades de plágio. As mais conhecidas são plágio direto e indireto. As menos conhecidas são plágio de fontes, plágio consentido e autoplágio. Em todos os casos, há uma violação nos direitos autorais, seja de forma patrimonial, seja de forma moral. Por isso, conhecer as modalidades de plágio auxilia tanto na conscientização da comunidade acadêmica, bem como para a identificação dessas ocorrências.

## Desonestidade e ética acadêmicas

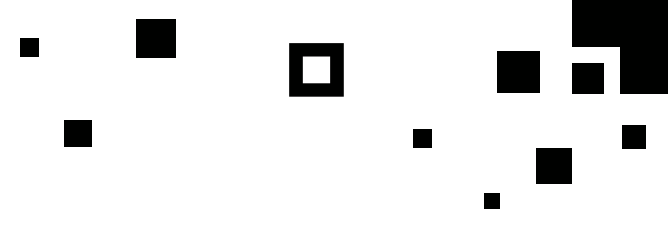
Os casos de plágio se associam diretamente ao que se concebe como desonestidade ética na academia. Essa associação é defendida por Sousa et al. (2016), que, abordando a desonestidade acadêmica e seus reflexos nos profissionais da saúde, argumentam:

Se “não mentir” e “não enganar” são princípios morais – partindo do conceito de bioética como estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde, examinada à luz de valores e princípios morais –, a desonestidade acadêmica, a exemplo da “cola” e do plágio, em seu sentido de conduzir a formas de engano, é assunto que se enquadra perfeitamente no conceito, principalmente quando se relaciona a processos avaliativos e produções nos campos das ciências da vida e da saúde (SOUSA et al. 2016, p. 460).

Os autores abordam os casos de “cola”, ativa e passiva, e de plágio como práticas de desonestidade acadêmica, definindo-os da seguinte maneira:

“Cola” em atitude ativa: é o uso ou tentativa de uso não autorizado de materiais acadêmicos ou a ajuda de terceiros por ocasião de realização de exercícios avaliativos. Em geral, ocorre com a leitura das respostas da avaliação de outro colega, a utilização de material escrito, a obtenção de respostas previamente ao exame, o uso não autorizado de equipamentos com mensagens eletrônicas, como relógios, escutas e telefones celulares, entre outros...





“Cola” em atitude passiva: é a facilitação da “cola” ativa por colegas, o agir com cumplicidade ou de alguma forma facilitar a desonestidade de terceiros. Isso pode incluir a cessão de trabalho escrito para que seja copiado, a permissão para que um colega tenha acesso a respostas em teste escrito etc.


Plágio: uso de ideias, figuras ou textos de outro autor, sem a atribuição dos devidos créditos, fazendo parecer ser o plagiário o autor da ideia ou texto original. O plágio não se resume à cópia fiel, palavra por palavra, mas também inclui textos reproduzidos com mudanças superficiais, suficientes apenas para descaracterizar o original (SOUSA et al. 2016, p. 461, grifos nossos).

Como se pode observar, a ética acadêmica deriva não somente de práticas que não se realizam, como o plágio e a “cola”, mas também de práticas que deveriam ser efetuadas como regra e não como exceção – como, por exemplo, recusar-se a passar ou facilitar uso não autorizado de materiais acadêmicos, que, como apontam Sousa et al. (2016), caracterizam cola ativa ou passiva, respectivamente. É nesse sentido que os autores defendem que “enquanto a moral e a lei são passíveis de mudanças, temporais ou geográficas, somente a ética é inerente ao livre-arbítrio do indivíduo” (SOUSA et al. 2016, p. 466).



Em tempos de difusão cada vez mais massiva de informação, concordamos com a perspectiva de Rosa Costa (2016, p. 198) que argumenta que é preciso tomar uma posição “cada vez mais clara de combate às práticas de todos os direitos conquistados no decorrer da história. Em especial, os direitos sobre a Propriedade Intelectual, que trazem como principal característica, a própria essência humana, criativa e original”. Essa tomada de posição nos fará repensar a desonestidade acadêmica, em toda a sua amplitude, e em especial as questões relativas ao plágio e à “cola”, porque, como enfatizam Sousa et al. (2016, p. 466), o tema da ética, em especial a acadêmica, “não é tema limitado a disciplinas específicas de um curso superior; permeia toda a extensão de um programa de formação do indivíduo”.

### Resumo dos conceitos-chave que aprendemos neste capítulo

- 
- **Plágio: sua tipologia e modalidades;**
  - **Legislação vigente o crime de plágio; e**
  - **Ética acadêmica e a desonestidade acadêmica.**



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste livro, diversos temas foram abordados. Você aprendeu a importância do texto científico, o conceito de gênero do discurso, o que define o gênero acadêmico e suas finalidades, as diferenças entre o texto científico, o texto de divulgação científica e o texto didático.

Viu, ainda, a definição de TCC e a sua relevância na vida acadêmica, bem como as estratégias de escrita: 5C's e KISS. Aprendeu as principais seções de um trabalho científico e a diferenciar o conteúdo da forma do trabalho científico, distinguindo as seções esperadas de sua formatação. Reconheceu como melhorar a legibilidade e a legibilidade de seus textos científicos.

Nesta obra, você conheceu softwares que auxiliam na formatação de textos científicos. Outro tema abordado foi a base legal dos direitos autorais e o conceito de plágio. Foi apresentado como evitar a ocorrência de plágio – isto é, fazer a citação e a referência das obras utilizadas – e incentivado a promover a ética acadêmica em seus textos e práticas acadêmicos.

Esperamos que você tenha compreendido a importância da busca de fontes de informação e bases de dados para a revisão sistemática, além da ética na escrita e da formatação e normatização dos textos científicos.

Desejamos que esta leitura tenha sido um divisor de águas em sua carreira acadêmica.

Sucesso sempre!



# REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Manoela. UnB cassa diploma de doutora por plágio. **Metrópoles**. Educação, 09 set. 2015. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/unb-cassa-diploma-de-doutora-por-plagio>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ALVARES, Lillia. Fontes de informação. 2019. Disponível em: <http://lillianalvares.fci.unb.br/phocadownload/GIGCIC/InteligenciaCompetitiva/Aula43Fontes.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação – Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: Numeração progressiva Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Lei 9.610/1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 fev.1998.

BRASIL. Lei n. 10.406, 10 de janeiro de 2002. Código Civil. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 11 jan. 2002.

BCE – BIBLIOTECA CENTRAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Programa de Competência em Informação. **Fontes de informação para pesquisa**. Brasília, mar. 2020.

BRAIT Beth; PISTORI Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf> Acesso em: 25 ago. 2020.

CÂNDIDO, KAMILLA DE FARIA; RAMALHO, SIMONE SOUZA; CUNHA, WILIAM FERREIRA DA. Estratégias para a Redução do Custo Computacional no Processo de Otimização das Geometrias do Estado Fundamental e do Primeiro Estado Excitado de Moléculas Orgânicas. **Revista Virtual Química**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 356-368, 2016.

COSTA, Marcos Rogério Martins. Memória e tensividade: as Jornadas de Junho de 2013 na charge e no editorial. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 43-54, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120536>. Acesso em: 25 ago. 2020.

COSTA, Marcos Rogério Martins; SOUSA, Jonilto Costa. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Thema**, Pelotas, v.18, n. Especial, p.124-135, 2020.

COSTA, Rosa Maria Cardoso Dalla. Plágio acadêmico: a responsabilidade das associações científicas. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.3, p.187-200, set.-dez. 2016.

DALZELL, Tom. **The Routledge Dictionary of Modern American Slang and Unconventional English**. Philadelphia: Routledge, 2009

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**. Um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, Marcello; CARNEIRO, Teresa Cristina Janes. A institucionalização da Educação a Distância no Ensino Superior Público Brasileiro: análise do Sistema Universidade Aberta do Brasil. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 228-242, maio-ago. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2015.192.07/4708> Acesso em: 25 ago. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HOWE, Michelle. **Persuasive Writing Made Easy**. Fullerton: OC Publishing, 2004.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Desenvolvimento de um método para avaliação do rendimento de leitura com crianças brasileiras envolvendo legibilidade, leiturabilidade e fundamentos da lectoescrita – Método Lêcom**. 2016. 421 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design, 2016.

KOOPMAN, P. **How to Write an Abstract**. Carnegie Mellon University.1997. Disponível em: <http://users.ece.cmu.edu/~koopman/essays/abstract.html> Acesso em: 5 set. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisas: elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Isabel; CASSAB, Mariana; ROCHA, Marcelo. Análise do processo de reelaboração discursiva de um texto de divulgação científica para um texto didático. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-9, set./dez. 2001.

NORRIS, Stephen. Paul; PHILLIPS, Linda M. How literacy in its fundamental sense is central to scientific literacy. **Science Education**, v. 87, n.2, p. 224-240, 2003.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SILVA, Henrique César. O que é divulgação científica? **Ciência & Ensino**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 53-59, dez., 2006.

SOUSA Rodolfo Neiva de et al. Desonestidade acadêmica: reflexos na formação ética dos profissionais de saúde. **Revista Bioética**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 459-468, 2016.

SCHUSTER, Ethel; LEVKOWITZ, Haim; OLIVEIRA Jr., Osvaldo N. **Writing**



**scientific papers in english successfully:** your complete roadmap. São Carlos: Hyprtek.com, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos. Instituto de Arte e Comunicação Social. **Nem tudo o que parece é:** entenda o que é plágio. Niterói: Departamento de Comunicação Social - Instituto de Arte e Comunicação Social/UFF, 2018.

VINCENT, Sara. Sentence length: why 25 words is our limit. Inside. **Gov. UK**, 4 ago. 2014. Disponível em: <https://insidegovuk.blog.gov.uk/2014/08/04/sentence-length-why-25-words-is-our-limit/> Acesso em: 5 set. 2020.

W, Sandra. How to write an abstract page with example. **Iwriteessays**, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.iwriteessays.com/academic-writing/how-to-write-an-abstract-page-with-example>. Acesso em: 5 set. 2020.

# CONHEÇA OS AUTORES

## Marcos Rogério Martins Costa

Doutor e Mestre em Letras pelo programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo; Graduação em Letras (bacharelado e licenciatura), nas habilitações de Português e Linguística pela mesma instituição. Pedagogo pela Universidade de Santo Amaro. É atualmente Professor Substituto no Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB) e Revisor de ABNT da Universidade Aberta do Brasil, lotado no Centro de Educação a Distância da UnB. Membro da Academia Contemporânea de Letras (ACL), ocupando a cadeira 21, cujo patrono é Érico Veríssimo e do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEL, desde 2010. Possui experiência em Língua Portuguesa, Linguística Geral, Semiótica, Análise do Discurso (AD-Francesa) e Estudos do Círculo de Bakhtin. Suas outras áreas de interesse são Ciências da Linguagem, Modelos de Ensino e Aprendizagem e Novas Mídias.



## Demétrio Antônio da Silva Filho

Graduou-se, como aluno laureado, e obteve o grau de Mestre, ambos em Física, no Departamento de Física da UFPE. Realizou seu doutorado no Instituto de Física Gleb Wataghin - UNICAMP. Durante seu doutorado, participou do programa de doutorado no Brasil com estágio no exterior (PDEE) da CAPES, passando um ano na Universidade do Arizona (EUA). É bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 1-D do CNPq. Publicou 80 artigos em periódicos internacionais que contam com quase 13.000 citações. Realizou seu Pós-Doutorado no Instituto Tecnológico da Geórgia (EUA) e visitou centros de pesquisa na Itália (U. Perúgia), França (U. Cergy-Pontoise) e Arábia Saudita (KAUST).





## Marcello Ferreira

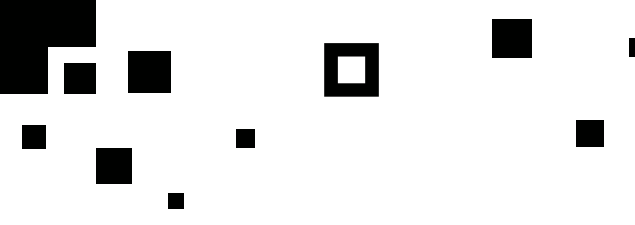
Professor no Instituto de Física da Universidade de Brasília (UnB), onde atua como vice-coordenador no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física. Atualmente, é Coordenador-Geral da UAB na UnB. Doutor em Educação em Ciências pela UFRGS, mestre em Ensino de Física e licenciado em Física pela UnB. Realizou Estágio Pós-Doutoral na UFSCar, na área de Ensino de Ciências e Tecnologias. Pesquisa e orienta nos temas: fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de ciências e física; formação de professores de física; currículo; estudos foucaultianos; educação a distância; e políticas públicas da educação. Pesquisador CAED/UFJF na área de avaliação digital em física. Integra e atualmente é vice-coordenador da Comissão Nacional de Pós-Graduação do MNPEF/SBF. Possui experiência como gestor de políticas públicas em educação, tendo exercido os cargos de Coordenador de Articulação Acadêmica e Coordenador-Geral de Programas e Cursos em EaD na Capes. Foi também professor, Coordenador de Planejamento, Desenvolvimento e Avaliação e Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e Comunitários da Universidade Federal do Pampa.



## Fabrícia Faleiros Pimenta

Pós-doutora em Educação e Tecnologias (FE/PNPD/CAPES - UnB). Possui graduação em Direito pela Universidade Paulista (2003) E Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2019). Atualmente cursa a terceira graduação, Gestão Pública. É Mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília (2005) e Doutora em História (2010), na linha de pesquisa de Estudos Feministas e de Gênero, com a tese Políticas Feministas e os Feminismos na Política: o CNDM (1985-2005). Nesta área pesquisa principalmente os seguintes temas: Relações de Gênero, Políticas Públicas para Mulheres, História Política do Brasil e Constituições Brasileiras. Na área da Educação, é pós-graduada - lato sensu - em Educação a Distância (UnB, 2009), em Design Instrucional para EaD Virtual: Tecnologias, Técnicas e Metodologias (UNIFEI, 2013) e em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD (UFF, 2016). Faz parte dos grupos de pesquisas “Aprendizagem Colaborativa Online” e “Educação, Comunicação e Intersetorialidade em Políticas Públicas (FioCRUZ)”. Foi Diretora Executiva do Grupo Editorial Centro-Hinterlândia e é membro associado à ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância).





Possui experiência como docente em ensino superior e gestora de pesquisa/publicação tanto em graduação quanto em pós-graduação. Atualmente é docente no UniCEUB e trabalha também com preparação, curadoria, elaboração, adaptação e revisão de material didático voltado para cursos a distância, tendo sido conteudista de diversas disciplinas em IES.

Apoio:



Organização:

